

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA INTEGRADA MULTIPROFISSIONAL  
EM SAÚDE MENTAL COLETIVA

**Cristina Pereira Macedo**

*“Eu pago com a vida”*  
**SITUAÇÃO DE RUA E ENCARCERAMENTO: Andanças e a  
(re) construção de cotidianos extramuros.**



Porto Alegre, RS  
2021

Cristina Pereira Macedo

*“Eu pago com a vida”*

**SITUAÇÃO DE RUA E ENCARCERAMENTO: Andanças e a  
(re) construção de cotidianos extramuros.**

Trabalho de conclusão apresentado ao Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, RS), como requisito parcial para obtenção do título especialização em Saúde Mental Coletiva.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Luiza Ferrer

Porto Alegre, RS  
2021

## AGRADECIMENTOS



“Resistir ao lado das pessoas  
que a gente gosta,  
deixa a luta mais suave,  
a gente não quebra, entorta.

As lágrimas ficam filtradas,  
o suor mais doce  
e o sangue mais quente.  
E sem que a gente perceba,  
percebendo,  
as coisas começam  
a mudar a nossa volta.

E aquele sonho que parecia  
impossível,  
acaba virando festa,  
enquanto a gente revolta”.

(Sergio Vaz)

Muito obrigada! A todos vocês que seguem se levantando e resistindo todos os dias, que me permitiram aprender a não quebrar e viver essas andanças lado a lado.

Aos Jovens Multiplicadores do Centro da Juventude e o grupo de costura e economia solidária *Gerarte* da UBS Chácara da Fumaça. Sonhei junto com vocês!

À minha família por dedicar cuidado e torcida nessa trajetória.

À minha orientadora Ana Luiza Ferrer pela acolhida, sensibilidade com a escrita. Pela disponibilidade de tempo, escuta e apoio.

À Larissa pela parceria, escuta e por termos seguido juntas lado a lado acreditando nessas andanças. Levo como presente desse percurso a nossa amizade!

Ao Mateus por termos seguido juntos nessas muitas andanças com alegria e carinho. Sou muito feliz pela amizade e parceria que construímos.

À Luna pelo carinho, sorrisos e por me permitir aprender a “*juntar nossas pequenices espalhadas e delas fazer lugares*” (TROTT).

À Jaqueline e Irene pela parceria no cuidado, por termos acreditado e sonhado juntas.

Aos meus cenários de prática: EPA- Escola Porto Alegre; UBS Chácara da Fumaça e Centro da Juventude Lomba do Pinheiro. Obrigada pelo cuidado e respeito que vocês têm pelas pessoas!

Aos meus preceptores: Carla; Vanessa; Márcio; Monique; Paula e Valéria por serem estes sonhadores caminhantes.

A todos Educadores, Educadores Sociais e trabalhadores que partilhei essa caminhada nos serviços.

À colega de residência Eduarda (Duda) pelo carinho, atenção e pela leitura cuidadosa dessa escrita, quando ainda era somente uma tentativa.

À Marlete por sempre lembrar que o “*afeto é o início, o meio e o fim*” (OLIVEIRA).

Aos familiares dos sujeitos que acompanhei, obrigada por me permitirem aprender com suas histórias e por acreditar.

À tutoria da Terapia Ocupacional pela presença, escuta e disponibilidade de resistência.

À Residência em Saúde Mental Coletiva, a Universidade Pública e seus trabalhadores por seguir acreditando e resistindo em prol de uma educação pública de qualidade.

Às pareceristas Marlete Oliveira e Camila Penteado pela disponibilidade em contribuir e avaliar essa escrita andanças.

A todas as educadoras (es) que dedicaram seu tempo para partilhar conhecimento conosco na residência.

À EPA meu agradecimento especial por ser morada afeto e por ter me possibilitado viver tantas histórias. Por ser essa sonhadora caminhante em busca de um mundo mais justo. Estamos juntos!

## RESUMO

*“Eu pago com a vida”*

### **SITUAÇÃO DE RUA E ENCARCERAMENTO: Andanças e a (re) construção de cotidianos extramuros.**

AUTORA: Cristina Pereira Macedo

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Luiza Ferrer

Fruto das experiências vividas no espaço tempo enquanto residente em saúde mental coletiva, a proposta dessa narrativa é refletir sobre os processos que acompanhei acerca das trajetórias que os sujeitos em situação de rua vem experienciando, em especial, os episódios de encarceramento, que são casos identificados com desencadeamento ou agravamento de sofrimento psíquico após os processos vivenciados no sistema prisional. Dessa forma, o trabalho, em caráter qualitativo, se desenvolve pela metodologia da cartografia, com narração de algumas cenas a partir das memórias ao estar lado a lado com esses sujeitos nos cenários de prática. As situações de encarceramento, situação de rua e sofrimento psíquico serão revisitadas em articulação com processos sócio-político-históricos atuais que versam sobre a criminalização dessas existências. Há a tentativa de uma construção andante de práticas intersetoriais e territoriais de cuidado em saúde mental que potencializam (re) construções possíveis de cotidianos extramuros, considerando a complexidade do contexto e os processos contínuos de marginalização que essa população sofre cotidianamente ao ocuparem as ruas.

**Palavras-chave:** População em situação de rua, encarceramento, sofrimento psíquico, cuidado extramuros.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: EXISTIR COM SEUS PÉS DESCALÇOS.....</b>	<b>8</b>
<b>2 CARTOGRAFIA DA RUA.....</b>	<b>10</b>
<b>3 QUEM SÃO ELES? VIDAS ANDANTES DE OUTRO TEMPO, PELEGRINOS OU NINGUÉNS? .....</b>	<b>13</b>
<b>4 “JÁ RAIOU A LIBERDADE”: TORTURA E ENCARCERAMENTO PRA QUEM MESMO? .....</b>	<b>17</b>
<b>5 CORPOS DESUMANIZADOS: ENTRE CORPO DA LOUCURA E CORPO DA PRISÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>6 QUAL A TUA VILA? PROJETO DE GUERRA ÀS "DROGAS" AS PESSOAS PRETAS E POBRES.....</b>	<b>28</b>
<b>6.1. Tão perto, tão longe: “A morte é quando vira um costume” .....</b>	<b>30</b>
<b>7 ANDANÇAS E O COTIDIANO EXTRAMUROS.....</b>	<b>33</b>
<b>7.1. “Resgate do descuido”.....</b>	<b>35</b>
7.1.1. “Tem que ficar quieto”.....	39
7.1.2. “Na rua o teto é o céu”.....	40
7.1.3 “Mana, vamo pra casa”.....	41
7.1.4 “Quantos filhos Natalina teve? ”.....	44
<b>8 “NÓS QUE SOMOS CIDADÃOS DE RUA”.....</b>	<b>46</b>
<b>8.1 Entre andanças e escadas rolantes.....</b>	<b>51</b>
<b>8.2 “O que tu viu de bonito hoje? ” .....</b>	<b>52</b>
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “O CORAÇÃO DIZIA: - SIGA” .....</b>	<b>53</b>
<b>10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>58</b>

*Ainda assim eu me levanto*  
(Maya Angelou)

*Você pode me riscar da História  
Com mentiras lançadas ao ar.  
Pode me jogar contra o chão de terra,  
mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.  
Minha presença o incomoda?  
Por que meu brilho o intimida?  
Porque eu caminho como quem possui  
Riquezas dignas do grego Midas.  
Como a lua e como o sol no céu,  
com a certeza da onda no mar,  
como a esperança emergindo na desgraça,  
assim eu vou me levantar.  
Você não queria me ver quebrada?  
Cabeça curvada e olhos para o chão?  
Ombros caídos como as lágrimas,  
Minh'alma enfraquecida pela solidão?  
Meu orgulho o ofende?  
Tenho certeza que sim  
Porque eu rio como quem possui  
Ouros escondidos em mim.  
Pode me atirar palavras afiadas,  
dilacerar-me com seu olhar,  
você pode me matar em nome do ódio,  
mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.  
Minha sensualidade incomoda?  
Será que você se pergunta  
Porquê eu danço como se tivesse  
Um diamante onde as coxas se juntam?  
Da favela, da humilhação imposta pela cor  
Eu me levanto  
De um passado enraizado na dor  
Eu me levanto  
Sou um oceano negro, profundo na fé,  
crescendo e expandindo-se como a maré.  
Deixando para trás noites de terror e atrocidade  
Eu me levanto  
Em direção a um novo dia de intensa claridade  
Eu me levanto  
Trazendo comigo o dom de meus antepassados,  
eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.  
E assim, eu me levanto  
Eu me levanto  
Eu me levanto.*

## 1 INTRODUÇÃO: EXISTIR COM SEUS PÉS DESCALÇOS

[...] O futuro eu queria  
Ser feliz  
E encontrar a felicidade sempre  
E não perder nunca o gosto de estar  
gostando  
o que eu penso em fazer da minha vida  
É encontrar a felicidade, ser feliz  
Ficar gostando e não perder o gosto  
Ser feliz  
Encontrar a felicidade  
E não perder o gosto de estar gostando  
(Stela do Patrocínio)

Em uma tarde de sol olhando em uma das janelas com grades que davam em direção a uma parede, direcionava seu corpo para encontrar uma fresta onde o sol passava. Diz que se vê ali naquele lugar, olhando para essa janela e querendo estar livre e expressa “*Eu pago com a vida*”<sup>1</sup>. Grades, encarceramento, rua, liberdade, fome, frio, marginais, drogados, pretos, pobres, loucos, pés descalços, pés descalços....

- *Hein, o que tá fazendo aqui?*

- *Pés descalços, não pode!*

- *Por que?*

- *Não pode, vamos levar!*<sup>2</sup>

Que existência é possível para estes sujeitos em nossa realidade? Suas imagens, suas existências e resistências representam, dão significado a tudo que incomoda, espanta essa estrutura social desumana, desigual, racista e violenta que se autoriza desumanizar o outro, tratar, levá-los como objetos que devem ser aprisionados, invisibilizados e exterminados.

- Seu cabelo está grande

- *Mas eu gosto!*

- Está parecendo um louco, têm que cortar!

As mãos são amarradas para que as unhas fossem cortadas, em seguida o cabelo foi raspado e a barba retirada. Quando se vai para as muitas grades é assim.

Sua cor, seu cabelo, sua respiração, sua loucura, sua potência de resistência, sua existência e até seu andar livre de pés descalços incomodam, espantam a quem, aos tantos que tem deixado de andar, e que realmente presos, seguem paralisados em seus castelos, condomínios de desconexão com a potência das vidas andantes.

---

<sup>1</sup> Trecho de uma conversa com um sujeito em situação de rua.

<sup>2</sup> Recorte de uma abordagem policial vivenciada junto ao usuário no centro de Porto Alegre.



A partir daqui peço licença para tentar expressar o tanto vivido nesta experiência da residência que muitas vezes as palavras não comportam. Peço licença também a todos que estarão aqui comigo nesta escrita. Sinto que tornei-me muitos, e é com imenso respeito e agradecimento por tanto aprendizado ao estar junto, com as experiências do vivido que tentarei compartilhar aqui um pouco de algumas andanças trilhadas juntos.

O que me guiará nestes caminhos da escrita será as experiências do vivido, as memórias das muitas andanças por Porto Alegre durante minha vivência, desconstrução/reconstrução e aprendizagem como Residente em Saúde Mental Coletiva da UFRGS. Aqui em especial, estas andanças dizem de meu caminhar junto com população em situação de rua, no meu primeiro ano de residência em 2019.

Para tanto a escolha foi falar de encontros, andanças que me levaram a territórios onde encontrei potência de vida, resistência, mas que também se encontram entrelaçadas a muito sofrimento, violação de direitos e situações de encarceramento de uma população que vem sendo colocada nas ruas, na exclusão, há muitos séculos.

Durante este percurso tive a oportunidade de acompanhar, estar junto e experienciar situações as quais envolveram violência e prisões. No entanto, apesar de ter acompanhado essas histórias de violação de direitos, também foi possível vivenciar a abertura de algumas brechas, caminhos que sinalizaram que as andanças deveriam ser continuadas, e que essas, de alguma forma, nos levariam a um processo que possibilitaria chegar até algumas (re) construções possíveis de cotidianos extramuros.

O que me moveu nestas andanças? Acredito que tenham sido as minhas inquietações e sonhos de abertura ou brechas nos tantos muros que seguem silenciando, invisibilizando histórias. De seguir tentando e persistir na caminhada para encontrar escuta e acolhida às consequências da naturalização destas violências, em especial, às situações de agravamento dos sofrimentos psíquicos desencadeados ou intensificados neste sistema desumano de privação de liberdade e encarceramento, os quais alguns destes sujeitos estão sendo submetidos devido a este grande projeto histórico e atual de criminalização de suas existências.

Condenações por seus “crimes” de ser ou estar (pobres, pretos, “loucos”, na rua) que vem sendo executadas, ampliadas através da naturalização das violências pela criminalização de certas existências, silenciamento e aprisionamento de trajetórias de vidas que vêm sofrendo historicamente violências, desumanização e as suas consequências psicossociais destas torturas, abandono e violação de direitos.

Desta forma, as andanças que serão percorridas a seguir se colocam a refletir, tentar, enlouquecer, aprender e problematizar que saúde mental é possível para estes sujeitos em

situação de rua, em sofrimento psíquico desencadeados ou agravados durante, em especial, as situações de encarceramento?

Com base nestas considerações, busca-se refletir a respeito da saúde mental destes sujeitos neste contexto de encarceramento. É preciso olhar para o sofrimento que está sendo aprisionado. Como fica a situação de sujeitos em sofrimento psíquico encarcerados, sem acesso efetivo a uma rede de cuidado e uma linha de cuidado que contemple sua complexidade? Como o sofrimento psíquico é enxergado no sistema de privação de liberdade? E quando sair, o que será possível fazer?

Assim, diante destes territórios vivos, potentes, mas que ao mesmo tempo também se tornam precários e fragilizados pela tortura e desamparo, minha inquietação e desafio frente a esta realidade é de como abrir brechas nesta estrutura e produzir cuidado que dialogue com a vida destes sujeitos.

Apesar das muitas incertezas, aprendi que estas estarão sempre presentes e que são potentes bons ventos que nos impulsionam a seguir andando, seguir tentando. Bem, sigo acreditando em estar junto na luta por liberdade, justiça social, fortalecimento ou construção da cidadania, nas práticas diárias de redução de danos e na grande potência do afeto. Conceição Evaristo narra resistência em suas escrituras e diz “Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”. Meu objetivo é estar junto, ser aliada neste combinado de não morrer.

Resistência que Rafuagi (2020)<sup>3</sup> também nos fala em uma de suas letras de *rap*: “ Diz aí aos matador de sonhos que aqui resta muitos de nós”. Desta maneira, acredito que esta escrita se faz relevante pela construção de uma narrativa para estes sofrimentos e histórias/andanças que se deram no tempo desta experiência. E pela tentativa de contribuir para escuta de um dos conflitos sociais e políticos que está sendo invisibilizado e necessita ser urgentemente repensado por uma sociedade, na qual espera-se que desperte e se responsabilize por construir coletivamente mudanças necessárias para se fazer justiça social.

## **2 CARTOGRAFIA DA RUA**

As andanças desta escrita serão divididas por trajetos, onde tentarei partilhar algumas situações encontradas no percurso dessa experiência da residência. Problematizar temáticas a respeito da população em situação de rua, encarcerada e em sofrimento psíquico.

---

<sup>3</sup> Rafuagi é um grupo gaúcho de hip hop que através da arte traz o debate das lutas sociais.

Dessa forma, após pensar o que gostaria de contá-los e de que forma, esta narrativa se desenha em caráter qualitativo e se desenvolverá pela metodologia da cartografia, pois esta nos convoca a um mergulho na experiência, uma contação de histórias vividas lado a lado.

Regis e Fonseca (2012) falam que a cartografia vem para resistir a uma metodologia com linhas duras a ser seguidas, mas sim como uma estratégia, encontros para uma experimentação e criação de um conhecimento, que parte de um coletivo, onde ambos sujeitos em conexão afetam e são afetados, se reinventam pelos percursos trilhados juntos. Coexistem em criação e em movimento vivo, agem sobre as forças conservadoras e cristalizadas, possibilitando a lançar-se em "caminhos-diferenças, habitar linhas de fuga" (REGIS, FONSECA, 2012, p. 283).

Podemos afirmar que o corpo se faz presente na prática da cartografia e é com ele que processos são acompanhados e sofridos (*pathos*) compartilhados. Mas como esse corpo aprende a ser sensível à investigação e ao objeto de estudo? Formar é um processo de aprendizagem também no plano dos afetos. [...] O caminho de pesquisa se faz nos efeitos do campo em nós (pesquisadores-cartógrafos) e nos efeitos no campo da nossa presença-intervenção" (POZZANA, 2013, p.332).

Sendo a cartografia uma prática que não objetiva trazer respostas, mas sim cartografar vivências/experiências a partir dos encontros vividos lado a lado nas cenas cotidianas. Assim, "cartografar é conectar afetos que nos surpreendem e, para tanto, na formação do cartógrafo é preciso ativar o potencial de ser afetado, educar o ouvido, os olhos, o nariz para que habitem durações não convencionais [...] ativando algo de supra-sensível" (POZZADA, 2013, p.336).

Com essa cartografia que se foi desenhando nos encontros, nas ruas foi dando forma a criação de uma narrativa, onde escritor e personagens de uma história estão em relação, em conexão. Por sentir que esta escrita não é somente minha, mas sim habitada por muitos, faz ser possível a sua construção. Assim, na tentativa de transpor uma escrita de um único saber venho compartilhando algumas histórias/andanças de muitos a partir dessa cartografia das ruas, de nós que se foi construindo.

Estarão presentes no texto, título e subtítulos trechos de nossas conversas e lembranças dos momentos que caminhávamos juntos. Pedindo licença em alguns momentos da escrita, onde objetivo me colocar no papel de tentar ser ponte dessas experiências/saberes que infelizmente são silenciadas. Aqui confesso, esta escrita teve que se reinventar nesse percurso, pois tinha sido sonhada e planejada de ser criada junto com os sujeitos que inquietaram e mobilizaram a consciência e responsabilidade de discutir essa temática. Não foi possível neste momento, assim, as memórias/experiências de nossos encontros que me habitam deram corpo para esta criação.

Portanto, as histórias/andanças serão revisitadas pela memória dos encontros que foram partilhados no espaço/tempo dessa experiência. Me acompanharão nesses trajetos memórias das vivências em meus cenários de prática da residência em 2019 e 2020. Sendo estes em grande parte no ano 2019, no espaço/território da EPA- Escola Porto Alegre, uma Escola Municipal de Ensino Fundamental que atende pessoas em situação de rua e extrema vulnerabilidade há 25 anos, localizada no centro histórico em Porto Alegre, RS. Junto a estas uno algumas experiências e reflexões ao estar lado a lado com os jovens no ano 2020, no Centro da Juventude Lomba do Pinheiro que atende jovens de 15 a 24 anos, localizado em um território de periferia de Porto Alegre, RS. Espaço este que vem resistindo, promovendo cuidado no território, fortalecimento destas identidades jovens e oportunidades de qualificação sócio profissional e inserção no mundo do trabalho.

Poemas, músicas e trechos de contos do livro Olhos D'água<sup>4</sup> serão intercessores para ser possível colocar aqui nas palavras também “um cotidiano visto através da experiência poética” (ADÉLIA PRADO, 2018).

O primeiro trajeto tentarei colocar aspectos que fui encontrando em relação a criminalização e desumanização de algumas existências e a naturalização das violências dirigidas a estes sujeitos cotidianamente nas ruas.

Já o segundo trajeto percorrerá alguns marcos históricos, onde tentarei discutir alguns pontos da face sócio política histórica da naturalização dos sofrimentos e a seletividade atual e histórica do encarceramento no perverso sistema prisional brasileiro construídos e mantidos pelo racismo estrutural e desigualdades sociais e econômicas que vem marcando essas trajetórias.

No terceiro trajeto o percurso tenta problematizar os casos de situações de sofrimento psíquico encarcerados, sem acesso efetivo a uma rede de cuidado. E quando sair, o que será possível fazer? Alguns percursos intersetoriais, transdisciplinares e comunitários que sinalizaram alguns caminhos possíveis.

No decorrer, os trajetos seguem inventando, criando alguns caminhos, a partir da vida cotidiana, de um novo a cada dia. Relatos de memórias das muitas andanças e os aprendizados do que é cuidar nos pequenos detalhes, no fazer cotidiano em um ambiente que faz potência com o mínimo, junto às ações de resistência alicerçadas pela educação popular e redução de danos.

---

<sup>4</sup> Livro Olhos D'água de Conceição Evaristo, 2016.

O trajeto final recorda os aprendizados, inquietações e agradecimentos ao ter a possibilidade de vivenciar e participar um pouco destas andanças, de estar lado a lado se desconstruindo e reconstruindo através dos aprendizados/experiências com a resistência destes muitos sonhadores caminhantes. “A liberdade requer visibilidade, mas, para que isto aconteça, faz-se necessário um mundo de outros” (FANON, 2008, p.16).

### **3 QUEM SÃO ELES? VIDAS ANDANTES DE OUTRO TEMPO, PELEGRINOS OU NINGUÉNS?**

#### OS NINGUÉNS<sup>5</sup>

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada  
Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:  
Que não são embora sejam.  
Que não falam idiomas, falam dialetos.  
Que não praticam religiões, praticam superstições.  
Que não fazem arte, fazem artesanato.  
Que não são seres humanos, são recursos humanos.  
Que não têm cultura, têm folclore.  
Que não têm cara, têm braços.  
Que não têm nome, têm número.  
Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.  
Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

Que sujeitos são esses que seguem tentando, resistindo em sobreviver num mundo no qual não é dado o direito de pertencer. Andar, percorrer caminhos diários de incerteza, vulnerabilidade e o dia a dia em outro tempo. Assim, posso aqui expressar a minha experiência ao caminhar junto com os sujeitos em situação de rua.

O que chamo de vidas andantes de outro tempo é para tentar narrar o quanto esta população tem seguido resistindo e também vem andando em outro tempo. Um tempo vivido na incerteza, um tempo experienciado no acontecer do dia a dia, um tempo que ao mesmo instante nos apavora, também nos escancara, nos faz rever, nos convoca a pensar que tempo é este que estamos construindo para viver com nós mesmos e em sociedade. Tempos que não dialogam com a vida. Ailton Krenak (2020) em uma de suas falas nos questiona, para onde estamos correndo mesmo?

Tempo de cada um emaranhado ao tempo das urgências, sufocado pela produção e consumo que nos é convocado, exigido a todo momento pela cultura e estruturas de poder. Produção e consumo estes que tem sido privado a participação dessa população colocada em

---

<sup>5</sup> Poema “Os Ninguéns” de Eduardo Galeano (1991, p.71)

vulnerabilidade e situação de rua por um ciclo de exclusão que se inicia na violação aos seus direitos básicos, na falta de acesso e possibilidades de permanência no sistema educacional, aos meios culturais e de lazer. Processos de exclusão ocupacionais que estruturam uma trajetória de privação e negação desses sujeitos a inserção ou permanência aos meios de produção, ao fruto do seu trabalho, por exemplo. Assim, estes passam a ser culpabilizados e punidos pelas estruturas de poder por suas “vadiagem” e “preguiça” de não estar produzindo e consumindo nos padrões impostos por este mesmo sistema estrutural que os excluí e marginaliza.

Deste modo, penso que estes caminhantes de outro tempo, estão sim sendo colocados nas ruas, marginalizados a exercer papéis e ocuparem lugares sociais de exclusão, tortura e abandono. Contudo, em outro aspecto, ao estar com eles, percebi potência, força e teimosia por vezes de seguir em busca de romper com tudo isso. O que faz ser em muitos casos a ida para as ruas a única ou momentânea possibilidade de seguir tentando resistir ou não. “Desigualdade faz tristeza” (CRIOLO)<sup>6</sup>.

Mas ao chegarem nas ruas iniciam outras tantas batalhas que os obrigam traçar novas estratégias de sobrevivência diante da tortura e incertezas constantes que são desafiados ao viver/sobreviver neste espaço. Tanto a rua, suas experiências, histórias escancaram que não dá para seguir vivendo nessa estrutura que vem os desumanizando.

Alguns deles se identificam como peregrinos<sup>7</sup>, outros dizem que não gostam de ser chamados assim. Durante a roda de conversa, a qual estávamos debatendo sobre a elaboração de uma identidade visual dos grupos de trabalho do núcleo de trabalho educativo (NTE) escutamos que alguns expressam aspectos negativos de não ter paradeiro em lugar algum, enquanto outros dizem que estão vivendo, seguindo a vida nas ruas.

O sociólogo Zygmunt Bauman diz que

Para os peregrinos de qualquer época, a verdade está em outro lugar; o verdadeiro destino está sempre a certa distância, a certo tempo de viagem daqui. Onde quer que o peregrino esteja agora, não é onde deveria estar, e não é o lugar aonde sonha ir.

Traços da dualidade e complexidade que é vivenciada nas ruas, onde esses sujeitos carregam em suas pesadas bagagens a dura realidade dos processos marcados pela desigualdade e exclusões sociais, raciais e econômicas. Situações concretas entrelaçadas por vezes ao sonho, ao imaginário do peregrino caminhante que resiste nas ruas em busca da liberdade.

Pensando nas especificidades e a extrema vulnerabilidade que os sujeitos em situação de rua se encontram, busco aqui emprestada as palavras do mestre Galeano para problematizar

---

<sup>6</sup> Trecho *Rap Duas de Cinco* (Composição: Criolo, Rodrigo Campos, Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral), 2013.

<sup>7</sup> Termo utilizado por alguns sujeitos ao se referir que estão em situação de rua.

e fazer alguns recortes diante de tamanha complexidade das situações que esta população enfrenta no seu dia a dia com naturalização das violências dirigidas a estes cotidianamente nas ruas.

Assim, olhar para alguns marcadores sociais que esta população se encontra é um deles. População que em sua grande maioria são de pessoas pretas, pobres e vindas das periferias, onde têm suas trajetórias marcadas por um processo histórico de desigualdades, violências, criminalização de suas existências e abandono das políticas públicas.

*Em uma das manhãs de inverno rigoroso que estamos passando, o sol se fez presente trazendo o conforto e luz que o mano estava precisando após sobreviver a mais uma noite congelante coberto apenas por alguns sacos de lixo em sua cama/carrinho de reciclagem. Sentamos juntos para aproveitar o sol enquanto preparava seu café da manhã no fogão improvisado. Têm sido dias ainda mais difíceis, parece que a tristeza tem feito morada por mais tempo. A violência já chegou cedinho, se materializou em nossa frente quando uma senhora que passava nos olhou com tanto desprezo, seu rosto expressava nojo. Queria dizer a ela que doeu, e que um olhar é capaz de cuidar do outro, mas também de machucar. O dela nos machucou, sofreu! Percebi que para o mano a tristeza de sentir aquele olhar já fazia morada, era tanta que para ele só foi mais um dos tantos de todos os dias. Doeu ainda mais perceber isso!*

Dormir ao relento de uma tensa cidade, em qualquer lugar, de qualquer jeito [...]. É a privação do ritual que uma vez por dia instaura uma pausa na realidade e forma um nicho mental, protegido do mundo, suas exigências, suas tormentas. Repouso do corpo e do espírito, território do sonho [...]. Da casa burguesa a tenda nômade, varia o ritual singular através do qual um cenário deste tipo toma corpo a cada noite, mas seja qual for sua configuração ele sempre existe. Quando deixa de acontecer é a crueldade de estar lançado no mundo sem trégua, perigo sempre eminente, tensão de um estado infundável de alerta, desassossego (ROLNIK, 2013, p. 1).

Esta memória de uma manhã de inverno retrata mais uma das muitas faces da violência que estes sofrem cotidianamente ao ocuparem as ruas. As violências, as torturas não são somente físicas. Estas poderosas e naturalizadas que são, se fazem presentes no acontecer cotidiano do dia a dia, presentes sutilmente através do olhar de quem as produz. Situações aparentemente invisíveis, mas que vão deixando marcas simbólicas neste outro que o percurso da vida, em relação aos aspectos materiais já é tão duro, ainda é marcado, simbolizado, torturado pela desumanização de sua existência pelo olhar do outro. Percursos diários e contínuos que vão gerando aniquilamento de uma possibilidade, perspectiva de uma resignificação e identificação de si próprio a partir de um outro lugar, de encontrar um território possível para existir.

Foucault (2017) tece a percepção, entre a punição e a vigilância e nos diz “quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana” (p. 215).

*Os registros trazem breves relatos das histórias de institucionalização do mano. Falam de sua mãe, as descrevem somente por seu alcoolismo, esta mulher que corria entre os carros no sinal junto aos filhos ainda crianças e bebês. O mano conta que a mãe morreu da cachaça em sua frente, enfim mais nada conseguem dizer dela. O tempo passou, o mano cresceu e hoje há tempos não consegue dormir, o que o fez ser identificado como “morceguinho”. Mais um andante, entre passos rápidos e lentos por vezes fica muito agitado, acredita que alguém que já o machucou está novamente o perseguindo, puxando a barra da sua calça enquanto caminhávamos.*

Violências estruturais que marcam e seguem deixando cicatrizes e memórias em suas trajetórias de vida. Impactos e consequências que já se iniciam desde a infância, em seus processos de desenvolvimento. Subjetividades que vão se construindo a partir desta narrativa construída e naturalizada da desumanização de certos segmentos sociais que historicamente vem sendo marginalizados.

Broide (2019) nos instiga a acompanhar a seguinte cena: uma mãe amamenta seu bebê. Esta mãe que carrega em si o perigo iminente de morar em um território dominado pelo tráfico, frente a uma boca de fumo. Os demais filhos estão brincando na rua e o companheiro desempregado e em uso de álcool. Assim, a pergunta é: o que tem no leite dessa mãe para além dos nutrientes do leite materno? Esta mãe não consegue estar ali presente, o desenvolvimento deste bebê já está sendo interferido por todo este contexto de violência, pelo sentimento de não estar sendo visto por este outro engolido pelas muitas urgências.

E quando é possível chegar à vida adulta, serão vistos como? Que sentimento vai os acompanhar? O de não serem vistos para sempre, pois desde muito cedo estes serão simbolizados socialmente pelo preconceito e exclusão por serem quem são, por virem de onde vem.

Os "ninguéns" como nos diz Galeano, marcadores sociais que escancaram a construção sócio política histórica de quem será criminalizado pelas condições sociais que foram e que ainda são colocados por este grande projeto de violação dos direitos sociais. A naturalização das diversas formas de violências dirigidas a estes sujeitos que vêm sendo colocados em situação de rua por um contexto de extrema exclusão social e econômica produzidas por estas violências que vem se perpetuando historicamente por uma sociedade baseada na lógica



colonizadora e escravocrata. Histórias, percursos, torturas e violações de direitos que muitas vezes os têm levado às ruas, à loucura, à prisão.

*Seguimos até o mini mercado para comprar um avulso<sup>8</sup>. Entramos, no entanto, logo em seguida o mano foi expulso do local. O que aconteceu? - O cara está fedendo muito, não é para entrar aqui. O “fedido” em questão é mais um trabalhador que passa as madrugadas recolhendo materiais recicláveis. Sim, a população em situação de rua trabalha, e muito! Está cuidando do que produzimos, enquanto nós seguimos produzindo e reproduzindo muitos “lixos” no mundo. “A vulnerabilidade social é uma zona intermediária, instável, que conjuga a precariedade do trabalho e a fragilidade dos suportes de proximidade” (CASTEL, 2010, p. 24).*

Safra (2002) apresenta a perspectiva da cidadania, na qual o ser humano tem a possibilidade de inserir-se de uma maneira a colocar seu gesto singular no mundo. E questiona qual é a abertura do mundo atual para acolher o singular que possibilite a criação do novo frente aos padrões do mesmo. Com isso coloca as diversas formas de sofrimento psíquico encontradas como desfecho das rupturas da cidadania. Algumas são: *Humilhação* - onde há um processo recorrente de exclusão social com a negação do sujeito a participação social, o que acarreta “um sentimento de vergonha de si” (p.38), situação que impede movimentos em direção a busca de seus direitos como cidadão. *Desenraizamento* - fenômeno que ocorre na dimensão étnico, estético e ético. *Invisibilidade* - pela vivência de “não serem vistos no campo social” (p.39) e *tecnologia opressora* - onde cada vez mais as relações humanas estão sendo mediadas pela tecnologia, processos que geram sentimento de exclusão aos que “não suportam viver em um mundo esquecido do gesto simples” (p.40).

Assim, para dar seguimento nestas andanças da escrita, por meio de alguns marcos históricos, tentarei discutir alguns pontos da face sócio política histórica da naturalização dos sofrimentos produzidos pelo racismo estrutural, desigualdades e processos de exclusão que seguem se perpetuando e marcando essas trajetórias pela criminalização de suas existências e a seletividade do encarceramento no perverso sistema prisional brasileiro.

#### **4 “JÁ RAIOU A LIBERDADE”<sup>9</sup>: TORTURA E ENCARCERAMENTO PRA QUEM MESMO?**

---

<sup>8</sup> Cigarro vendido por unidade

<sup>9</sup> Trecho do samba-enredo “*Heróis da Liberdade*”- Império Serrano, 1969- RJ (Compositores: Silas de Oliveira, Mano Décio e Manoel Ferreira).

Quem está sendo encarcerado, quem é louco, quem é perigoso, quem é vagabundo, quem é drogado, quem são aqueles que há séculos estão sendo colocados nas ruas, nas prisões, nos manicômios, que se é "autorizado" torturar, prender, retirar o direito de existir, matar.

Quem mesmo? Os tantos que o destino muitas vezes tem sido bastante semelhante. Estes que tem cor, raça ou etnia, classe social, gênero, ah e aqui seus endereços: a rua ou a prisão. Alguns dizem que eles são invisíveis, mas na verdade são muitos visíveis para receber violência, discriminação e abandono. O que está sendo invisibilizado, na verdade, são suas histórias, suas subjetividades e seus direitos sociais como cidadãos.

Desta forma, irei buscar olhar para alguns processos históricos que elegem a “quem” o encarceramento em massa e violências são naturalizadas e autorizadas pelo poder da “Lei”. E as condições sociais, políticas e históricas que permitem contextualizar o projeto político, onde o Estado historicamente tem fortalecido processos que reforçam as desigualdades, estas produzidas por este mesmo quando nega e se desresponsabiliza frente às políticas sociais de direito.

Olhar para as construções históricas de dominação dos corpos, medicalização do sofrimento e as nossas injustiças sociais de produção de desigualdades e racismo desvelam as estruturas de perpetuação de nossas violências atuais. Nossa triste realidade e história que criminaliza, exclui e extermina quem ousa não ser ou não se encaixar nos padrões exigidos pelo opressor. “Pensamento dominante, que se constrói com base na “culpabilização da vítima”, isto é, na individualização, criminalização e na medicalização dos problemas sociais (GALHEIGO, 2008, p. 37).

Ao olhar para os processos históricos, estes nos mostram a herança de nossas injustiças sociais, sendo uma delas a criminalização da pobreza com uma de nossas primeiras leis de encarceramento em massa do povo preto, pobre e de rua.

Em 1830 foi promulgado o primeiro código penal no Brasil, onde diz que a prisão seria o principal meio de punição e reabilitação dos indivíduos que cometiam atos infracionais. No entanto, a lei descrita era uma e a colocada em prática era outra, passando também a criminalizar as diferenças aos padrões morais. Com a abolição da escravatura, no final do século XIX, um grande número de negros alforriados se desloca até as cidades em busca de trabalho remunerado, junto a isso, as cidades passam por um crescimento desordenado com a também vinda das populações do interior e imigrantes (SANTOS, 2004).

Diante de uma sociedade construída pelo racismo e com uma lógica punitivista, essas populações de negros alforriados, imigrantes, capoeiras e os desviantes de uma moral e bons costumes passam a ser considerados os responsáveis pelos episódios de roubos, latrocínios e

prostituição. O código penal em 1890 passa por um aprofundamento, onde seus artigos (art.399 e 402/1890) elegem também que mendigos, ébrios, vadios e capoeiras eram contraventores e deveriam ser punidos, e o meio para isto seria a prisão (SANTOS, 2004).

Passou-se a considerar necessário o encarceramento e a correção de indivíduos que optassem por uma forma de vida ou um modo de ser que não se coadunassem as normas estabelecidas, mesmo que esta opção não implicasse em danos a outrem (SANTOS, 2004, p.146).

Estes breves fragmentos de nossa história revelam a estrutura de nossas construções sociais coloniais, racistas e moralistas. Aqui estão dados históricos de uma lei penal do século XIX e a mentirosa abolição da escravatura, que na verdade, construiu uma política de pós-abolição de exclusão e criminalização destes sujeitos pelas condições sociais que foram criminalmente submetidos. Fatos que dizem muito da continuidade das torturas e a permanência do gigante atual da desigualdade que cada vez mais ganha mais força e nos apavora. “O racismo é uma ideologia que atravessa o tempo e acompanha o desenvolvimento e as transformações históricas da sociedade brasileira” (BORGES, 2019, p. 41).

Achille Mbembe (2018) conversa em seu texto com Foucault, que traz o racismo como umas das primeiras manifestações e experimentação da biopolítica, sendo o racismo também uma tecnologia arquitetada pelo exercício do poder. E o processo de colonização como formador do terror, onde o biopoder cria a figura, a noção de um inimigo a ser combatido, e a partir daí vai se desenvolvendo a base, a naturalização do discurso do direito de matar. Algumas pessoas devem viver e outras eleitas como inimigas, devem morrer.

Dando sequência a mais um projeto político de encarceramento no Brasil, em 1941, em plena ditadura do Estado Novo, no governo de Getúlio Vargas, instituiu-se a chamada Lei da Vadiagem que previa punição às pessoas por ociosidade. A polícia, assim, passa a prender suspeitos, que eram principalmente negros, pobres, desempregados ou simplesmente por não portarem seus documentos. Muitos destes eram inocentes, mas passaram a ser presos por vadiagem e ficavam fichados na polícia. Era comum a polícia fazer rondas diárias, por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro e executar prisões por vadiagem das pessoas que estavam sem os documentos até os anos 70. Em 1975, este era o segundo crime mais “praticado” na cidade (ACERVO O GLOBO, 2016).

Estamos em 1890? Bem, não! Mas olhando para nossa realidade, infelizmente podemos encontrar muitas situações de violências que vem perpetuando as origens sociais de desigualdade e exclusão de certos grupos eleitos a ser desumanizados por um sistema hegemônico de privilégios que exclui, extermina pessoas por sua classe social, gênero e raça.

Olhar para essas origens nos revelam a cruel e vergonhosa perpetuação e manutenção destas violências históricas nos nossos dias atuais. Hoje, por exemplo, o Brasil mantém o ranking do 3º país com a maior população carcerária do mundo (BORGES, 2019).

A escritora Juliana Borges (2019) fala sobre os processos que envolvem o encarceramento em massa, majoritariamente da população negra. E de como este sistema de justiça criminal é perpassado pelo racismo e as estruturas de opressão que garantem a manutenção das desigualdades, privação da liberdade e negação de direitos. Processo de genocídio desta população, a qual, tanto durante o encarceramento e após, ocorre um processo de “morte social” (p.21) destes sujeitos, por conta da construção social do inimigo, estigma e a opressão racial vivida diariamente por essas pessoas.

Borges (2019) cita a advogada norte-americana Michelle Alexander que descreve que o sistema criminal para além de ter conexão com o racismo, é uma atualização de um sistema de controle social, que opera a partir da seleção de certos segmentos sociais racializados. Onde passam pela vigilância, controle do território, negação de direitos básicos e criminalização e apagamento da cultura.

Almeida (2018) também cita as autoras Angela Davis e Michelle Alexander que abordam, por exemplo, a questão do processo de segregação racial nos EUA. Analisam que com o fim do sistema segregatório instituído houve, na verdade, um processo de substituição desse sistema de opressão e exclusão pela intensa construção de uma política de criminalização e guerra às drogas, conseqüentemente intensificando o encarceramento em massa da população negra nos EUA.

Fatos que exemplificam os corpos que seguem andando nas ruas como alvo. Em nosso país, desde 2006, os alvos passam a ser intensificados pela da Lei nº 11.343, chamada Lei de Drogas que segue criminalizando e autorizando processos diários e contínuos de encarceramento em massa. Lei esta, que atualmente tem sido uma das principais ferramentas adotadas pelos agentes do Estado no encarceramento em massa de certos segmentos sociais eleitos como inimigos a serem combatidos. “A prisão fabrica delinquentes, mas os delinquentes são úteis tanto no domínio econômico como no político” (FOUCAULT, 2017, p. 217).

Mello (2020) aponta a perversidade do sistema prisional brasileiro com seus índices de superlotação, falta de água e as condições insalubres e desumanas a que estas pessoas estão sendo submetidas. Destaca o histórico de ausências de políticas públicas que marcam as trajetórias destes sujeitos. E o Estado se fazendo presente através da violência que tem norteado as instituições de segurança pública, decisões políticas em uma sociedade construída sob a lógica punitivista e do racismo.

Para mostrar o quão perverso é nosso sistema de justiça criminal, a população que potencialmente será mais atingida pela COVID-19 é negra e pobre. Basta ver que é representada por 64% da população prisional em 2016, segundo dados do último Infopen. Isto é, o novo coronavírus tem um poder destruidor no planeta, mas aqueles com menores condições de se proteger do vírus fazem parte da população negra e pobre (MELLO, 2020, p.1).

Quem são eles? Infelizmente, podemos dizer que são os mesmos eleitos pelo código penal de 1890, pela Lei da Vadiagem de 1941 e pós-abolição. Segue a desumanização do outro, a construção de um imaginário social que criminaliza certos segmentos sociais, assim, o discurso com ideias punitivistas e os privilégios estruturais a um grupo hegemônico branco e de elite se mantém no poder e seguem se perpetuando e obtendo lucro com a tortura e exclusão do outro.

As nossas cidades, hoje, não são para todos. O Brasil é um país estruturalmente racista, e a maior prova disso é o sistema penitenciário. O sistema penitenciário é o espaço dos sobrantes. É o espaço de um território, tem classe definida. Não sei de quem eu tenho medo, mas sei a cor que ele tem e o lugar de onde ele vem. O medo tem cor, é negra. Tem território, é a favela. (FREIXO, 2019, p. 109).

Ao olhar para estas narrativas históricas pode-se perceber a origem social de nossas estruturas de violência que foram construindo a inferiorização de certos segmentos sociais racializados. Realidade perversa da criminalização da pobreza e naturalização do sofrimento que as desigualdades produzem. Situações que colocam em evidência a crueldade de nossas políticas de exclusão construídas historicamente por uma sociedade desigual e violenta, construída e mantida pela realidade do racismo estrutural e o oceano das desigualdades.

Almeida (2018) compreende que o racismo é estrutural, e que é perpetuado através de ações e práticas conscientes e inconsistentes da naturalização do processo de desumanização e inferiorização de certos segmentos sociais racializados. É um processo estrutural e sistêmico, pois está em nossos processos constitutivos, e desta forma, está presente nas mais diversas estruturas sociais, sendo elas tanto individuais, econômicas, sociais quanto institucionais.

Estrutura social esta que vem naturalizando a intensa ampliação da criminalização de certas existências que estão sendo colocadas socialmente em constante processo de marginalização. Realidade que podemos encontrar nos dados crescentes de encarceramento.

Atualmente, os dados do INFOPEN (2017), dados relativos ao ano de 2016 nos mostram os números da população penitenciária de unidades prisionais e outras carceragens em um total 726.354, destes 36.149 no Estado do RS. Em relação aos dados de escolaridade do RS mostram que 60,54% têm o Ensino Fundamental Incompleto. Consta que, destes, 250.000 estão em tratamento ambulatorial. Dados por gênero são 95,06% homens e 4,94% mulheres. Em relação

às pessoas com deficiência, consta que deficiência intelectual, com 1.858 pessoas em todo o sistema, seguida por pessoas com deficiência física, totalizando 1.399 pessoas.

Em relação à raça, cor ou etnia, assim descritos no último levantamento disponível (Anuário do Sistema Penitenciário Federal de 2017), consta que 63,6% são negros e pardos e 35,69% são brancos.

Sendo o último levantamento de 2016, fato que nos mostra uma continuidade do silenciamento e naturalização estrutural da seletividade da população encarcerada. Apesar deste último levantamento estar desatualizado e certamente com dados subnotificados já nos mostram o encarceramento em massa da população negra, pobre e com baixa escolaridade.

Esta reprodução de uma lógica de invisibilidade não é exclusiva do sistema prisional, podemos encontrar também, por exemplo, em nossos sistemas de informações em saúde, mesmo o SUS tendo em sua política a Portaria N°344/2017 que dispõe sobre o preenchimento do quesito raça/cor nos formulários dos usuários encontra-se uma subnotificação desses dados (TAVARES; JESUS; FERREIRA, 2020).

Invisibilidade também apontada na ausência de uma atualização e levantamento real dos dados do número da população em situação de rua. Dados estes que quando publicados são apontados, por exemplo pelo Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR) como irreais com o número de pessoas que estão realmente nas ruas. Números os quais seriam importantíssimos para identificação e elaboração de políticas públicas realmente voltadas às necessidades reais desta população. Levantamento este que é descrito como um dos objetivos da Política Nacional para a População em Situação de Rua “Art. 7º- III - instituir a contagem oficial da população em situação de rua” (BRASIL, 2009).

Estes dados apontam o grande problema da falta de uma consciência coletiva e as fragilidades em nossas formações enquanto cidadãos e profissionais em relação a relevância dados epidemiológicos destas populações para subsidiar políticas públicas que garantam a equidade. Fato que contribui para manutenção de uma cultura de não responsabilização coletiva, sendo aqui a subnotificação mais um exemplo do projeto político e social de silenciamento e manutenção das desigualdades em uma estrutura burocratizada pelo excesso de leis e normativas, mas carente de ações efetivas, transformadoras e que garantam a equidade. Acredito que a nós profissionais de saúde e assistência com conhecimento da política do SUS e consciência da realidade da maioria da população brasileira cabe fazermos uma autocrítica de nossa responsabilidade em não contribuímos com estes silenciamentos em espaços institucionais e sociais que ocupamos.

No campo das políticas públicas que visam a garantia de direitos a partir do reconhecimento da necessidade e complexidade que certos grupos estão expostos em 2009, sob o decreto nº7053 é instituída a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Em seu Art. 5º os princípios da PNPSR além da igualdade e equidade são: I - respeito à dignidade da pessoa humana; II - direito à convivência familiar e comunitária; III - valorização e respeito à vida e à cidadania; IV - atendimento humanizado e universalizado; e V - respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência (BRASIL, 2009).

Varanda e Adorno (2004) apontam a complexidade das situações a que esta população está exposta e os desafios das políticas públicas em garantir a equidade e flexibilidade nas ações e práticas que considerem como esta população está se constituindo no espaço da rua e as suas formas criadas de organização e sobrevivência.

Art.1º considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009)

Em relação a saúde da população negra a Portaria nº 992/GM/MS, de 13 de maio de 2009, institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) a qual versa o combate às desigualdades no Sistema Único de Saúde (SUS) e a promoção da saúde da população negra de forma integral, considerando o reconhecimento do racismo, das desigualdades étnico-raciais e do racismo institucional como determinantes sociais das condições de saúde, com vistas à promoção da equidade em saúde (BRASIL, 2009)

Apesar das políticas públicas que objetivam a garantia dos direitos que historicamente vem sendo negados a estes cidadãos de direito, a dura realidade é que a população em situação de rua, a população negra, pobre, periférica e encarcerada tem trazido à tona todas as violações de direitos, negligências e torturas históricas e atuais das políticas públicas e de uma sociedade alicerçada em privilégios e desigualdade. A situação de rua, o encarceramento em massa da população negra e periférica tem sido o desfecho, continuidade e tem deixado escancarado todos esses processos. Quem não vê?

A precariedade e insalubridade das ruas, culminando em exposição e riscos cumulativos requerem intervenções e formas de tratamento orientadas, segundo a sua especificidade, desafiando os conceitos gerais de universalidade, integralidade e equidade do Sistema Único de Saúde (VARANDA; ADORNO, 2004, p.56).

Por que esta reprodução de invisibilidade vem se perpetuando? Almeida (2018) nos fala sobre estas estruturas institucionais que reproduzem violências, sendo estas estruturadas sob um racismo que é estrutural, este que é a raiz do racismo institucional mantido nas instituições e nos hábitos culturais vivenciados cotidianamente, e que as mudanças necessárias somente serão possíveis quando o foco for as mudanças na estrutura do racismo.

Desse modo, compreende-se que mesmo com a criação de leis, portarias que instituem um olhar para especificidades e complexidades de grupos que historicamente estão sendo violentados, desumanizados e com seus direitos humanos violados, ainda é necessário lutarmos por direitos que são básicos, e ainda mais grave que é o negacionismo, que fortalece a continuidade dessa realidade histórica. Assim, fica escancarado que nosso grande problema está na não responsabilização e consciência de olharmos para os nossos processos históricos de constituição enquanto sociedade, onde foi construída e segue se estruturando na naturalização das desigualdades e na desumanização de certos segmentos sociais.

## **5 CORPOS DESUMANIZADOS: ENTRE CORPO DA LOUCURA E CORPO DA PRISÃO**

Eu estava com saúde  
Adoeci  
Eu não ia adoecer sozinha não  
Mas eu estava com saúde  
Estava com muita saúde  
Me adoeceram  
Me internaram no hospital  
E me deixaram internada  
E agora eu vivo no hospital como doente  
(Patrocínio, 2009, p. 43)

Encarcerar corpos, desumaniza-los socialmente tem sido uma prática histórica em nossa sociedade, a qual foi e vem sendo construída pela figura do sujeito idealizado sob um regime instituído de padrões e normas que exclui a diversidade humana.

Assim, os que por algum motivo não se enquadram nestes padrões sofrerão a realidade de uma invisibilidade social e histórias de suas vidas marcadas pelo não pertencimento e injustiça social, que possivelmente irão lhe definir um destino, uma representação, no qual muitos acabam internalizando a fim de assegurar uma sobrevivência.

Pensadores como Foucault (1999) e Goffman (1991) estudaram e analisaram as engrenagens e implantação das práticas de encarceramento. Foucault em *Vigiar e Punir* aborda o nascimento das prisões, onde aproxima as práticas do suplício, que eram formas de punição às pessoas encenadas publicamente até o século XVIII, as práticas institucionalizadas de



encarceramento como punição no século XIX. As formas de punição do corpo não passam mais pela exposição explícita da violência, mas sim há uma substituição do suplício pela intervenção no corpo que passa a ser enclausurado num sistema de dominação, obrigações e privação. “O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos” (FOUCAULT, 1999, p.15).

Goffman (1991) em *Manicômios, prisões e conventos* realiza um levantamento crítico sobre a vida em instituições fechadas, o que chamou de instituições totais. Locais onde já de início há uma ruptura total do interno com os papéis sociais, através das barreiras impostas pela instituição de nenhum contato com o mundo externo, práticas cotidianas obrigatórias e padronizadas, o que leva os internos a um processo inicial, no qual “o eu da pessoa é mortificado” (p.24). O autor aborda também em relação ao possível retorno ao meio social, onde alguns papéis poderão ser restabelecidos pela pessoa, no entanto, algumas perdas serão irreparáveis, gerando muito sofrimento. E apesar desta retomada em algumas situações podem ter seus direitos permanentes violados, levando estes a um processo conceituado de “morte civil” (p.25).

Em nossas sociedades, os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa “economia política” do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata — do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão (FOUCAULT, 1999, p. 28).

Processo de aniquilamento de subjetividades e violências estruturais que levam ao sofrimento psíquico. Assim, como é possível pensar saúde mental para os corpos da loucura e da prisão estando diante desta realidade? Sendo que a saúde está ligada às nossas condições de existência e conexão.

*O mano por vezes tira uma temporada no Central<sup>10</sup>. Seus crimes? Importuna, deixa feia a cidade, assusta a senhora idosa, é acusado de tentar roubar os óculos escuros do pedestre. O mano que há tempos tem sido machucado, torturado, segue andando pelas ruas, sem dormir e por vezes apavorado com seus perseguidores reais e imaginários, que insistem em se fazer presentes. A mulher bem vestida com sua roupa preta e seu sapato de salto saindo do fórum é uma delas. A tortura está ali presente, em seu corpo. Se materializa no dia a dia em percepções do ambiente que se transformam em cenas de perseguições, a sua barra da calça é puxada, lhe empurram. As muitas violências já fazem morada em sua memória e corpo e são sentidas mesmo quando não estão acontecendo.*

---

<sup>10</sup> O Presídio Central de Porto Alegre, hoje chamado oficialmente de Cadeia Pública de Porto Alegre, é uma prisão localizada na cidade brasileira de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

Para o corpo da loucura e da prisão, que lugar é possível? Este corpo simbolizado por todos esses marcadores sociais de exclusão e tortura, hoje também é simbolizado pelo estigma do ex-detento e da loucura ao andar de pés descalços pela cidade. “Além do mais, ele era bem preto, andava sempre atrás dos demais, tremendo ao menor movimento de cólera do contra-mestre e sendo, enfim, morto na aventura” (FANON, 2008, p.47). Será mesmo a loucura que o fez andar de pés descalços? Será mesmo que gostar de andar assim é ser louco? Ou esta história tem sido de negação de sapatos?

Pés descalços que provocaram espanto de quem sequer os via, pés descalços que por vezes foi o disparador para que fosse levado às grades. Já não havia diferença entre os tantos lugares que tinham grades, elas eram muito parecidas. Aliás, sempre quem os levava até elas, era a polícia. Os “coletes”, o poder da polícia, da saúde e assistência social passaram a ser reconhecidos e significados como sendo os mesmos. Para nós ficou o desafio de não ser ou se tornar “coletes”.

A vida na rua e a sua proximidade com o lixo urbano a torna um alvo de ações de limpeza das vias públicas e das medidas encampadas pelos órgãos públicos de ação social. O recolhimento do lixo urbano e a “remoção” de pessoas para espaços “coletivos” de serviços assistenciais, que comportam centenas de pessoas, são ações muito próximas, ainda que executadas por profissionais de diferentes secretarias (VARANDA; ADORNO, 2004, p.67).

Aqui, lembro da história de outro corpo da loucura, da exclusão que também foi enclausurado. Em 1962, a poeta Stela do Patrocínio, mulher negra com 21 anos, foi acompanhada pela polícia da cidade do Rio de Janeiro até o Centro Psiquiátrico Pedro II, onde foi internada e diagnosticada com esquizofrenia. Ali se iniciava um percurso de institucionalização, quando Stela foi para a Colônia Juliano Moreira, onde permaneceu por volta de 30 anos até a sua morte no ano 1992. (MOSE, 2009 apud ALMEIDA; BONFIM, 2018, p. 277).

Sendo uma das principais características do manicômio a anulação do sujeito, do tempo e espaço, podemos encontrar semelhanças com outro roubo de histórias, tempo e espaço que é a prisão. Seguindo a lógica punitivista de encarceramento tanto o sujeito em sofrimento psíquico e o sujeito detento são criminalizados, punidos e por vezes seguem o mesmo destino, o aprisionamento. Considerados perigosos pelo forte estigma social e figura do inimigo, os eleitos como loucos e inimigos seguem presentes no imaginário social e punidos pelas estruturas de poder, onde a única alternativa é deixá-los trancados para manutenção de uma ordem social.

A polícia, não sei como e porquê, adquiriu a mania das generalizações, e as mais infantis. Suspeita de todo o sujeito estrangeiro com nome arrevesado. (...) todo cidadão de cor há de ser por força um malandro; e todos loucos hão de ser por força

furiosos e só transponíveis em carros blindados” (BARRETO, 2017, p. 143,144 apud TAVARES; JESUS; FERREIRA, 2020, p. 141).

O cuidado em saúde mental teve muitas conquistas a partir da Reforma Psiquiátrica que propõe a transformação das práticas de cuidado em saúde mental com a substituição do hospital psiquiátrico por uma rede de serviços e práticas substitutivas que possibilitem um cuidado em liberdade e territorial. Em 2001 foi promulgada a Lei nº10.216 da Reforma Psiquiátrica que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas com transtornos mentais, sendo este um importante avanço jurídico na defesa para que este cuidado seja garantido.

Apesar de todos esses avanços, infelizmente ainda não são todos os corpos da loucura que têm acesso ao cuidado. Os corpos da loucura que estão sendo produzidos pela desigualdade cotidianamente nas ruas, que estão sendo presos escancaram que temos muitos desafios, um caminho longo para garantir um acesso efetivo ao cuidado em saúde mental também a estes.

Especificamente em relação à saúde mental, [...] as políticas públicas direcionadas à população negra têm em grande medida se baseado na patologização, medicalização, encarceramento e morte. E nem mesmo a reforma psiquiátrica/ movimento antimanicomial produziram tecnologias de cuidado racializadas e emancipadoras (TAVARES; JESUS; FERREIRA, 2020, p.144).

Oliveira (2019) cita Lima Barreto e seu diário “O Cemitério dos Vivos” recordando as descrições encontradas ali e as semelhanças que ainda podemos encontrar nos hospícios do séc. XXI. Local este caracterizado pela anulação do tempo e espaço. E os tempos sombrios para a reforma psiquiátrica e os serviços substitutivos que são desafiados pelas tentativas de ressuscitar o hospital psiquiátrico e seus métodos antigos de tortura.

A Reforma que sempre se manteve em constante resistência e luta para a manutenção e garantia de um cuidado em liberdade, mas que atualmente vem sendo ainda mais, com intensidade desafiada pelos desmontes na política de saúde mental. Tentativas que infelizmente têm sido efetivas com a intensificação e investimento na criação dos modelos atuais de manicômio, as chamadas comunidades terapêuticas, que mesmo tendo altos índices de denúncia de violação de direitos e abusos, hoje tem sido a alternativa fortalecida pela gestão pública para o “cuidado” em saúde mental, em especial ao público de álcool e outras drogas.

Os loucos, na sua fragilidade e inconsistência, com sua origem turva e nebulosa, num processo constante de reconstrução a partir dos destroços anteriores, também precisam, para sustentar-se, de muita engenhosidade, acaso e amiúde uma boa torcida desejante. Não a torcida vinda da voz cavernosa de um Deus mandão, mas aquela que nós podemos oferecer a partir dos dispositivos os mais diversos que conseguimos colocar à sua disposição para favorecer-lhes essa consistência e sobrevivência, ainda que incertas. Trata-se dos dispositivos institucionais, jurídicos, sociais, clínicos, expressivos, de escuta, até mesmo os medicamentosos, passando todos eles pelas modalidades mais diversificadas de encontro. Mas nunca nada está dado de antemão e o futuro jamais está garantido, 26 tentativas podem ser pouco para um louco, e

frequentemente dez vezes isso ainda é insuficiente. Para tanto, uma coisa aí é primordial [...] Tempo. É preciso dar tempo a essa gestação com que se confronta a loucura, a essas tentativas, a essa construção e reconstrução, a esses fracassos, a esses acasos. Um tempo que não é o tempo do relógio, nem o do sol, nem o do campanário, muito menos o do computador. Um tempo sem medida, amplo, generoso (PELBART, 1993, p.31-32).

## **6 QUAL É A TUA VILA? PROJETO DE GUERRA ÀS "DROGAS" AS PESSOAS PRETAS E POBRES.**

A cidade do colonizado [...] é um lugar de má fama, povoado por homens de má reputação. Lá eles nascem, pouco importa onde ou como; morrem lá, não importa onde ou como. É um mundo sem espaços; os homens vivem uns sobre os outros. A cidade do colonizado é uma cidade com fome, fome de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma vila agachada, uma cidade ajoelhada (FANON, 1991, pp. 37-39 apud MBEMBE, 2018, p. 41).

Sentar na praça, reconhecer um antigo vizinho da vila onde já pode morar um dia. Saudade expressada do que um dia foi um lar possível na vila, onde conhecia e era conhecido. “Os guetos urbanos, comparados a outras áreas da cidade, tenderiam a dar às relações de proximidade um conteúdo comunicacional ainda maior e isso se deve a uma percepção mais clara das situações pessoais ou de grupo e à afinidade de destino, afinidade económica ou cultural” (SANTOS, 2002, p.220). E tu mana, que vila mora? Assim, as andanças pelo centro passaram a ser o palco para muitas lembranças, histórias contadas e resistência às violências ao ocupar os espaços da cidade.

*O menino fala de seu primeiro paredão da polícia. De costas pra parede, arma apontada para a cabeça. Porque de tudo aquilo se não fez nada? Essas perguntas seguem na memória. Marcas, cicatrizes que a tortura estampou eternamente nessa história. Marcas, cicatrizes da tortura e as tatuagens que o mundo do tráfico também estampou, agora para além das memórias, também no corpo. Por vezes, as lembranças se materializam sem ter sido convidadas, marcam presença. O corpo também foi marcado, as tatuagens marcam um período dessa história. Hoje, elas também fazem com que este corpo seja simbolizado, marginalizado ainda mais no dia a dia. Corpo marginalizado pelo lugar de onde veio, por onde se encontra agora, pela sua cor, pela loucura, pela pobreza, pela cadeia, pelo envolvimento que um dia teve com o tráfico.*

*Somos rodeados por policiais, de imediato seguram o braço daquele corpo que não é permitido estar ali. As suas marcas, seus pés descalços incomodaram e, assim, foi anunciado que seria levado. Eu lado a lado fui questionada, como poderia estar junto? Mesmo diante de*

*caras amarradas e grosserias, certamente meus privilégios de ser uma pessoa branca que foi permitida questionar a abordagem, vestida, calçada ali dentro dos padrões fizeram com que fossemos liberados. Revolta, medo, inquietação. A pergunta e questionamentos que ficam é de como e quando vamos conseguir construir uma sociedade onde estes cidadãos de direito poderão ocupar, pertencer as suas cidades?*

Achille Mbembe (2018) fala sobre o necropoder exercido através da fragmentação territorial, onde comunidades mantêm-se separadas, sob um processo de dominação absoluta. “A vida cotidiana é militarizada” (p.48). O autor cita a Palestina como um dos exemplos de ocupação colonial contemporânea, processo exitoso atual da necropolítica.

Assim, fiquei pensando quais são os nossos processos exitosos atuais de necropolítica? Onde e quem podemos atualmente descrever que também vivem estes processos em nosso país e cidade? Dentre alguns, que facilmente podemos apontar, está a população em situação de rua, pessoas que se encontram no sistema prisional e moradores das periferias como sendo os maiores exemplos de nossa realidade para descrever o terror bem-sucedido da necropolítica que essas populações sofrem cotidianamente. Populações estas, como já descritas anteriormente, são em grande maioria oriundas destes espaços segregados, dominados pelo poder soberano do colonizador que segue definindo quem, que vidas importam ou não.

Terror, necropolítica vivida pelo poder também exercido pelo tráfico de drogas, que tem aprisionado os moradores das favelas dentro de seu controle e domínio. Freixo (2019) afirma que o crime organizado só se mantém assim, pois está em diálogo com o Estado, e que em particular no Brasil as facções não nascem nos guetos e favelas, mas sim foram e são construídas nas prisões, e só após passam a dominar os territórios das periferias.

#### NECROPOLÍTICA<sup>11</sup>

Correria tu se vira  
Bobeou eles atira  
Eles nem são bons de mira  
Mas a ordem é matar  
"Se não é alvo, aniquila  
Porque o alvo é a melanina  
Pode estar com a família,  
Menino ou menina"  
E na favela é mais uma chacina  
Necropolítica  
[...]

A cada 23 minutos, mais uma mãe preta chora  
Coração apertado e ele só foi jogar bola

---

<sup>11</sup> Bia Ferreira é cantora, compositora e ativista sergipana. Define sua música como MMP: Música de Mulher Preta. Faz uso de sua música para educar, conscientizar e passar informações a respeito das demandas de luta do movimento anti-racismo no Brasil.

Se tiver atrasado, devagar, não corre agora.  
A polícia não viu que era roupa da escola?  
Necropolítica é isso,  
Te incomoda?!  
Mbembe me ensinou  
E eu tô repassando agora!  
Cheguei falando alto, agora tô fazendo alarde  
Espero que entenda e comece a sua parte!  
Porque  
Não vai chorar sua mãe  
Nem vai chorar a minha  
Povo preto se armando  
Com a palavra e a escrita  
Não vai chorar sua mãe  
Nem vai chorar a minha  
Povo preto se armando  
Conhecimento é a saída.

### 6.1 Tão perto, tão longe: “Morte é quando a tragédia vira um costume”<sup>12</sup>

Apesar desta escrita enfatizar as experiências do meu primeiro ano de residência, não podia deixar de contar um pouco de como foi o segundo ano dessa experiência, pois este também me fez atravessar percursos, histórias e enxergar a paisagem de cada situação que escancaram o porquê muitas vezes da ida para as ruas, a loucura, a prisão. Estive novamente lado a lado no território, ali onde a vida real acontece, se reinventa, resiste e é potência, mas que infelizmente também tem sido machucada/torturada todos os dias.

“Os guetos se tornaram prisões sociais. As prisões viraram guetos do Judiciário”.  
Precisamos olhar para as prisões para construir a periferia, a favela, a cidade, a democracia que queremos. Por quem, e com quem, estou lutando para que esse mundo seja mais justo? (FREIXO, 2019, p.113).

O local de minha prática foi em um Centro da Juventude, junto aos jovens em um território da periferia de Porto Alegre, RS. Estes, que na grande maioria são de pessoas negras que diariamente têm sido torturadas pela violência policial, aprisionados muitas vezes pelo domínio que as facções têm exercido em seus territórios, torturados pela questão econômica precária produzida pela desigualdade, pelo desemprego, subempregos e baixa escolaridade de seus familiares. “A problemática da infância e da adolescência não se separa das condições de vida de seus genitores ou pais sociais e, portanto, da política econômica e da história do Brasil” (BARROS; LOPES; GALHEIGO, 2007, p. 358).

Torturados pelos perigos, violação de seus direitos e violências iminentes de um amanhã que apesar dos muitos sonhos tem sido abafado/negado por uma realidade cruel e de injustiça

---

<sup>12</sup> Trecho música: É tudo pra ontem (Emicida, 2020).

social nesta fase importante de construção que estão vivendo. Apesar de tudo, ali onde a vida acontece há muita vida, resistência e sensibilidade de enxergar o quanto estamos deixando este mundo feião.

Consegui, assim, me voltar para a noção de que o futuro estava, ali, em acontecimento, em ato. Ali no território habitado pelos “portadores de futuro”[...] A possibilidade de pensar isso, de que os mesmos que desenham a cena com suas ações, podem desdobrá-la, podem, no presente de hoje, encontrar novos sentidos para si e os outros, fez minha angústia conviver com alegrias (MERHY, 2003, p.7).

No entanto, alguns destes (infelizmente ainda poucos) têm tido a possibilidade de estar em um espaço de cuidado e oportunidades que são os Centros da Juventude, aqui em especial o Centro da Juventude Lomba do Pinheiro<sup>13</sup>, no qual vem resistindo em uma caminhada de fortalecimento destas identidades jovens pela escuta e valorização de suas potencialidades, através da arte, cultura e possibilitando algumas formações de qualificação sócio profissional e entrada no mundo do trabalho. *O jovem conta que andar com a pasta, a camiseta do curso tem dado outro lugar, a senhora que antes olhava com cara feia, talvez, pensa ele, achando que iria ser ou virar marginal, passou a reconhecer e valorizar a sua correria pro bem, por estar estudando.*

Esses dias tinha um moleque na quebrada com uma arma  
de quase 400 páginas na mão.  
Umas minas cheirando prosa, uns acendendo poesia.  
Um cara sem Nike no pé indo para o trampo com o zóio  
vermelho de tanto ler no ônibus.  
Uns tiozinho e umas tiazinha no sarau enchendo a cara de  
poemas. Depois saíram vomitando versos na calçada.  
O tráfico de informação não para, uns estão saindo  
algemado aos diplomas depois de experimentarem umas  
pílulas de sabedoria. As famílias, coniventes, estão em  
êxtase.  
Esses vidas mansas estão esvaziando as cadeias.  
A Vida não é mesmo loka?  
(Sérgio Vaz).

Inserção no mercado de trabalho que, infelizmente, por vezes, segue sendo excludente por sua lógica de produção desenfreada e exigências, muitas vezes inalcançáveis por qualquer ser humano, ainda mais por vidas tão jovens, as quais as oportunidades sempre têm sido mais difíceis pelos tantos muros que encontram durante as suas caminhadas. Muros, por exemplo, da

---

<sup>13</sup> Os centros da juventude são um eixo do Programa de Oportunidades e Direitos (POD), uma parceria do governo do RS, através da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SJCDH), e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), tem como foco a prevenção ao atender jovens de 15 a 24 anos que vivem em áreas de grande vulnerabilidade e altos índices de criminalidade.

precarização do processo escolar, que os levam, por vezes, a um baixo repertório de escrita e leitura exigidas pelos padrões; muros do acesso e aprendizagem ao universo tecnológico.

Mas o que tem haver esta experiência com esta que tenho narrado desde o início? Acredito que as duas andam juntas, estão tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Muitas das caminhadas jovens que encontrei na rua, narram algumas situações parecidas com a vivência desses jovens. O jovem, hoje cidadão de rua, também perdeu o número de vezes que tomou paredão truculento da polícia, viveu o desemprego e a precariedade financeira dos familiares, em sua grande maioria de mães solos resistentes, no entanto, bastante adoecidas e fragilizadas. Desfecho de trajetórias do descuido, desamparo, violação de direitos básicos e negação de oportunidades.

Varanda e Adorno (2004), a partir de um estudo na cidade de São Paulo, apresentaram o recorte temático da população em situação de rua, onde identificam que estes passam por um processo dinâmico de “vulnerabilização” mesmo antes da ida às ruas, em sua rede de relações nos territórios das classes populares.

Como aquele jovem que encontrei que sofre violência das mais variadas formas todos os dias terá saúde mental e física? Cansado das torturas e com a desesperança anunciada no olhar, que hoje até houve falar de cidadania e direitos humanos, mas que não se enxerga como cidadão, pois não tem como se ver como algo que vem sendo constantemente negado a si e aos seus, não é mesmo?

Desperto um dia em um mundo onde as coisas machucam; um mundo onde exigem que eu lute; um mundo onde sempre estão em jogo o aniquilamento ou a vitória. Desperto eu, homem, em um mundo onde as palavras se enfeitam de silêncio, um mundo onde o outro endurece interminavelmente (FANON, 2008, p.189).

Freixo (2019) cita em seu texto “O que acontece nas prisões? Uma narrativa sua com um preso durante uma negociação de uma rebelião em 2003. Onde o homem diz

Temos muito respeito pelo senhor, mas tem uma coisa que tem que aprender: presídio é um pedaço da favela. Nós não vamos resolver o problema do presídio se não resolvermos o que está acontecendo na favela. Olha quem está aqui. Onde você espera encontrar um jovem pobre e negro, se não é na favela nem no presídio? Você espera encontrá-lo em algum outro lugar? (FREIXO, 2019, p.110).

Olhando um pouco para os processos históricos e atuais pode-se ver que a guerra e criminalização da pobreza sempre existiu e continua se perpetuando e dando lucro. Continuidade e atualização agora pelo poder da guerra às drogas, que na verdade é uma guerra às pessoas pobres, pretas e das periferias que mais uma vez foram e são eleitas como inimigas dos “cidadãos de bem”, o nosso histórico e atual “exército de imbecis” (FANON, 2008, p.95).



Exército com seus discursos elegendo a droga como a grande culpada pelos nossos problemas sociais. Ferramenta estratégica para a naturalização e aprovação do combate que tem sido empregado e atingido no dia a dia a população que já se sabe quem é. O neurocientista Carl Hart (2016) fala sobre a guerra às drogas e a política de drogas que tem sido a ferramenta utilizada para a manutenção da exclusão das pessoas. E do quanto o discurso de guerra às drogas mascara os problemas reais que já existiam mesmo antes da entrada do crack, por exemplo, no Brasil. Dessa forma, segue a produção de exclusão e aprisionamento nas nossas muitas “prisões” para que um grupo siga detendo o poder e lucrando com a tortura e destruição de muitas histórias.

Duas de cinco

Um governo que quer acabar com o crack,  
Mas não tem moral pra vetar comercial de cerveja  
Alô, Foucault, cê quer saber o que é loucura? (Criolo)

## 7 ANDANÇAS E O COTIDIANO EXTRAMUROS

Eu sou dado ao maravilhoso, ao fantástico, ao hipersensível; nunca, por mais que quisesse, pude ter uma concepção mecânica, rígida do Universo e de nós mesmos. No último, no fim do homem e do mundo, há mistério e eu creio nele (LIMA BARRETO, 1920).

*Enfrente o desconhecido! Lugares, o outro e até o próprio movimento do corpo se encontra em sua posição “estrangeira”. O movimento até o desconhecido pede que seja devagar. O que fazer diante de tantas incertezas e medos? Bem, a decisão foi seguir, observar com atenção, escutar com presença e se permitir caminhar mais devagar ao meio acelerado de muitos.*

*Confiar no outro, assim, boas experiências foram surgindo, por exemplo, no momento que esta forasteira solicitava alguma informação e esta vinha com cuidado e atenção. Foi bom ver outro tempo sendo possível ao encontrar espaços de calma em uma praça, alguns conversando, outros atentos ao acontecer do jogo, este que se cria, se inventa, acontece pela presença de muitas mãos habilidosas e suas tampinhas plásticas coloridas.*

*Que bom foi encontrar, se colocar frente a frente com o desconhecido, que bom foi encontrar estes espaços, que bom foi ver “a delicadeza que compõem cada vida” (CASTRO et al, 2009, p.154). Ao final, o gigante desconhecido já não era tão grande, as ruas já passaram a ser reconhecidas, já se iniciava talvez saber um caminho. Um novo sentimento parece ter*

*sido despertado, agora já se começava a pertencer. (TRECHO NARRATIVA DE ITINERÂNCIA PELO CENTRO DE PORTO ALEGRE, 13/03/19- INÍCIO DA RESIDÊNCIA E MORADA EM POA).*

Enquanto escrevo essa etapa de finalização desse percurso da residência, resolvi recordar que percepções deste início me acompanharam e certamente me auxiliaram até aqui. Encontrei algumas pistas, o texto me alertava que, para desbravar o desconhecido, teria que ser devagar, pedia atenção aos detalhes, as delicadezas de cada um, confiar para que boas experiências acontecessem. Que ao final o gigante do desconhecido não é tão grande, e que aos poucos iria se descobrindo caminhos para pertencer.

O jogo com suas tampinhas coloridas também deu algumas pistas, uma delas foi que, para ser possível viver esta experiência, se colocar disponível para o cuidado do outro, seria necessária abertura à experimentação, criar, inventar e seguir tentando encontrar ou não saídas, brechas com o que se tinha disponível.

Com essas pistas fui desbravando caminhos, assim, vou tentar compartilhar um pouco do que aprendi sobre cuidado trilhando essas andanças. Foram muitas andanças, construção de cuidado enquanto se caminhava pelas ruas. Atenção às andanças que nos levavam ao movimento vivo, deslocar, tropeçar, cair/levantar, seguir, persistir.

Enquanto caminhávamos, estávamos juntos, lado a lado ocupando a cidade, trocando experiências, interagindo, rindo, chorando, sentindo. Descobrimos e construindo outros modos, outros territórios para existir. Estávamos vivos juntos, sem medo um do outro. Cuidado e possibilidade de ressignificação ao estar junto de outra forma com este outro que a tempos tem produzido tanta violência. “Parece-me fundamental que se possa compreender o ser humano sempre acontecendo no mundo. Com o outro, no campo social, no campo cultural, nos diversos registros da experiência humana” (SAFRA, 1998, p. 106).

Por meio do cotidiano é possível acessar a experiência, o real, o imaginário, a memória, os sonhos, os sentimentos, as necessidades e os afetos. A leitura do cotidiano permite ainda conhecer os modos de pensar, agir e sentir de sujeitos e coletivos; as representações que fazem suas experiências em meio à ideologia hegemônica que cria instituídos e resulta na instrumentalização da vida diária. Cotidiano, portanto, é experiência e saber (GALHEIGO, 2020, p. 7- 8).

Alargamento e produção de outro tempo ao estar junto, aproveitar e vibrar com as pequenas conquistas, novos sentidos para o tempo, para vivências e novas conexões que aos poucos foram produzindo alguns novos movimentos. “Quando um jovem percebe naquele que o acompanha uma diferença de olhar, inscreve-se uma possibilidade de ensaiar outra história de “vir a ser” entre ambos” (LAZZAROTTO, CARVALHO, BECKER, 2013, p.62).

Estar junto, se conectar com o sensível e escutar a pessoa na sua experiência, no fazer, nas suas ocupações diárias, significativas ou não, algo que por vezes até parece ser simples, mas que na verdade é muito complexo e abrange várias dimensões do existir. “Com base na leitura do cotidiano e seus contextos e da história ocupacional dos envolvidos é que o terapeuta ocupacional deverá encaminhar sua ação” (GALHEIGO, 2008, p.44).

O autor Jorge Broide (2019) fala sobre ancoragens, termo utilizado para se remeter a algo que seja significativo para o sujeito e que o faça seguir conectado, ligando a sua trajetória à vida. E que a clínica em escuta presente e no território é possível desvendar quem são essas e construir junto com elas o cuidado.

A restauração da dignidade e do mundo da pessoa que sofreu a fratura ética demanda o alcançar a experiência de cotidiano. Haverá encontros, desencontros [...]. O cotidiano aparece então como um grande evento em que se encena a busca da pessoa pelo seu devir. Nele encontramos o já vivido, o não acontecido, o mistério, todos colocados sob o domínio da criatividade humana. O cotidiano pode ser visto como um espaço em que ocorrem os acontecimentos necessitados pela pessoa para portar a sua dignidade e singularidade. O cotidiano abordado dessa forma revela-se poético. Há algo que lá se dá e que está para além do acontecido. No cotidiano estão os outros, as coisas, o momento histórico, o surpreendente. Nele está o encontro do sensível e do não-sensível, do imanente e do transcendente, lugar em que os acontecimentos da vida revelam a visita da eternidade (SAFRA, 2010, p.49).

## 7.1 “O resgate do descuido”<sup>14</sup>

O estudante, o detento nos levou até Charqueadas. Lá se reuniram, o educador, profissionais da saúde residentes, equipe técnica do sistema prisional e Defensoria Pública da União - DPU. Sala cheia, equipes reunidas conversando à espera do estudante/detento. Ele chegou, entrou na sala com seu andar balançante e seus pés descalços. Sentou, sorriu ao ver que ali estavam algumas pessoas de sua confiança, “*de apoio do cara*”<sup>15</sup>.

Até que este dia acontecesse foi preciso seguirmos alguns percursos que nos levariam até lá. Em uma manhã do mês de março de 2019 se iniciava a construção de um trajeto de muitos desafios, incertezas, desconstrução, (re) construções e afetos. As atividades da residência em saúde mental coletiva da UFRGS se iniciam na EPA- Escola Porto Alegre.

Como estrangeiros, sob olhares atentos, estávamos nos inserindo, circulando no espaço. Os estudantes donos daquele espaço, pareciam curiosos com a novidade daquela nova turma de

---

<sup>14</sup> Estamira, documentário de Marcos Prado (2006), conta a história de Estamira, uma mulher que sofre de transtornos mentais, vive e trabalha, há mais de 20 anos, em um aterro sanitário.

<sup>15</sup> Termo utilizado pela população ao se referirem às pessoas de sua confiança.

residentes que chegava. Entre olhares curiosos, recepção carinhosa seguimos com a única certeza do momento, ali tinha muitos desafios. Mesmo assim eu queria muito estar ali, sentimento este que me acompanhou até o final.

Já na próxima semana nos reunimos com a preceptora e educadores para discutirmos alguns casos, nos aproximarmos dos muitos mundos que habitam aquele pequeno espaço. Já de início pode-se perceber que ali estávamos frente a um vivo, frágil e precário, mas que tem construído possibilidades, resistência e faz acontecer potência com um mínimo, alicerçada pelos princípios da educação popular e redução de danos.

Logo a demanda de um estudante apareceu como algo a ser urgente de ser acompanhado. O estudante no momento se encontra no sistema prisional (Charqueadas). A Escola estava em busca de informações e já iniciava uma primeira aproximação, articulação com setores ligados ao judiciário.

A Escola relata que o mesmo tinha retornado do sistema prisional (Presídio Central) meses atrás, apresentando o alvará de soltura, no entanto, agora retornou à prisão novamente. Os educadores relatam que quando o estudante retornou meses atrás da prisão e os procurou, observaram que o mesmo estava apresentando um comportamento bastante diferente do estudante que conheciam anteriormente. Segundo eles, apresentava-se bastante desorganizado e com falas confusas. Fato que mais tarde evidenciou a sua não apresentação aos setores jurídicos que fiscalizam a saída condicional, fato que o levou novamente à prisão quando tomou mais um paredão da polícia. Os ‘coletes’<sup>16</sup> tinham o levado novamente para o inferno da prisão. Assim, a escola, já tendo obtido informações jurídicas da situação do estudante/detento, nos inseriu para compor o cuidado e as articulações que na sequência foram se dando.

É desta forma que se inicia meu percurso na EPA, meu primeiro acompanhamento em parceria com meus colegas da Psicologia e da TO. Tudo se iniciou com o contato com a Defensoria Pública da União - DPU, onde fomos recebidos para uma reunião com a Defensora Pública responsável pelo caso. Ali, conjuntamente, elaboramos um plano para uma visita ao jovem e a partir daí pensar nos próximos passos para sua saída, já que juridicamente o mesmo já estava apto de ser liberado.

A escola, que já estava fazendo todo este investimento no cuidado com seu estudante, manifestava preocupação em relação aos aspectos apresentados pelo jovem ao retornar da prisão da última vez. Desta forma, previamente a visita foi realizada por nós, a articulação dos dispositivos da rede psicossocial, para compor o cuidado no seu retorno. Assim, a articulação

---

<sup>16</sup> Termo utilizado pelo usuário para se referir a polícia e alguns profissionais da saúde e assistência social.

intersetorial com a DPU abriu caminhos para o contato com a Penitenciária Estadual de Charqueadas, onde pudemos observar e escutar dos profissionais as fragilidades que o sistema prisional enfrenta, em especial, nos casos de detentos que apresentam sofrimento psíquico e não contam com nenhuma rede de apoio, tanto no âmbito familiar e institucional. Entretanto, o que tange a garantia do cuidado em saúde integral da população no sistema prisional existem na forma da lei, sendo os aparatos legais que preconizam, a Lei de Execução Penal nº 7.210 de 1984, a Constituição Federal de 1988, o Plano Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário (vigente de 2002 a 2013) e a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade no Sistema Prisional de 2014. A Lei de Execução Penal em seu artigo 14 da seção III versa sobre especificamente sobre a assistência à saúde, afirmando ter como prioridade o seu caráter preventivo, curativo e de acesso aos atendimentos em saúde. E que não sendo possível a instituição prisional garantir a assistência à saúde, a lei prescreve que o acesso deve ser garantido em outro lugar. Garantia também estabelecida pelos princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde - SUS, que são a universalidade, equidade e integralidade nos serviços e ações de saúde (Lei 8.080/90).

Em relação aos casos de pessoas em sofrimento psíquico, estes, em especial, devem ter acesso a um cuidado humanizado em saúde mental assegurados pela Lei nº 10.216/2001 que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e que redireciona o modelo assistencial em saúde mental.

Art. 1º Os direitos e a proteção das pessoas acometidas de transtorno mental, de que trata esta Lei, são assegurados sem qualquer forma de discriminação quanto à raça, cor, sexo, orientação sexual, religião, opção política, nacionalidade, idade, família, recursos econômicos e ao grau de gravidade ou tempo de evolução de seu transtorno, ou qualquer outra (10.216/01).

Apesar de todos estes aparatos legais, atualmente e historicamente sabe-se das dificuldades e violações dos direitos humanos no sistema prisional. Minayo e Constantino (2015) apontam alguns em um estudo que ocorreu entre os anos 2013 a 2015, no Estado do RJ, no qual tinha por objetivo se aproximar das condições de vida e saúde dos presos, onde avaliaram as condições insalubres a que estes estão expostos, insuficiência de acesso às unidades de saúde, precária assistência social e psicológica e falta de itens básicos de higiene e ambientais. Situações que apontam as falhas e violação de direitos cometidos por este sistema, no qual por lei, tem o objetivo a ressocialização desses indivíduos. “Tais condições repercutem tanto nas dificuldades de reintegração social do preso como no agravamento de seu estado de saúde física e mental (MINAYO; CONSTANTINO, 2015, p.24).

Durante este contato que tivemos com a instituição prisional neste caso, pode-se observar e escutar dos profissionais a dificuldade em enxergar possibilidades de realizar tal articulação com os setores da saúde no dia a dia, diante do contexto precarizado que se encontram. Os profissionais relatam que possivelmente há muitos casos de detentos com sofrimento psíquico que estão sem assistência, o que faz as equipes não saberem o que fazer ou para onde encaminhar os casos quando são identificados. Apesar do acesso ser bastante burocratizado, podemos perceber neste caso uma disponibilidade da equipe em compor conosco. Assim, da mesma forma a DPU e instituição prisional se colocaram disponíveis e parceiras para a efetivação da liberdade do estudante.

Diante disso, pode-se perceber o quanto uma maior aproximação e cooperação intersetoriais são capazes de criar possibilidades e algumas linhas de fuga diante de tantas durezas e violação de direitos que se apresentam. Disponibilidade de escuta para identificar aliados e quais as necessidades e de que forma cada setor pode contribuir com o cuidado que deve ser sempre nosso objetivo comum.

No decorrer os desafios foram muitos, por vezes na tentativa de buscarmos algumas brechas, nos sentimos sufocados. Há momentos que nos pareceu que não tínhamos o que fazer diante de tantas urgências e falta de políticas públicas que cada vez mais têm sido enfraquecidas, atacadas, que pudessem dar conta de tanto abandono e suporte ao cuidado que vinha sendo construído.

Muitas vezes encontramos nessas andanças uma repetição de um mesmo, voltamos ao começo. Durante a reunião de rede da atenção psicossocial estávamos em roda e no decorrer da discussão do caso senti como se todos nós estivéssemos à beira de um abismo. Como nos diz Merhy (2003) “sentido engolido por situações de “desprodução da vida”, processos de anti-produção das relações entre indivíduos”(p. 8).

No entanto, a vida seguia em movimento, andante. Éramos convocados a estar vulnerável, a não saber, mas seguir resistindo, tentando garantir o cuidado possível em liberdade. Chegou a hora de nos reinventarmos, reinvenção que a vida/rua exige e os manos são mestres. Foco nas potências do território, fortalecimento dos educadores, a maior potência sempre esteve ali, só o cansaço e o sentimento de estar sozinhos por muitas vezes os fizeram sofrer.

Buscando novos aliados, na vizinha que alcança uma água gelada e que dedica um pouco de seu tempo para uma conversa. A senhora dona da pensão que acolhe um momento difícil com um pouco de doçura de um chocolate e café. Encontrar um comércio, a padaria que permite a entrada daquele mano trabalhador que trampou muito e só quer comprar um avulso. A busca

de refazer os novos documentos, de ser escutado pela cidade. As andanças levaram a algumas interações também. Nos levaram a audiência com o juiz, este senhor que foi chamado de tio no momento que dava o seu sermão. O mano promete ao tio/juiz que vai se “comportar”.

As andanças também nos levaram a construção de processos em busca da garantia de direitos como cidadão. A busca da Defensoria Pública para auxiliar no pedido demorado do benefício BPC e desbloqueio do bolsa família, que neste caso foi bloqueado no momento que a pessoa foi presa. A busca da retirada das medicações na farmácia do município, e a construção de aceitá-los e usá-los no dia a dia naquele contexto. Construções que foram sendo experienciadas com tempo para as dúvidas, para a organização conjunta dos papéis solicitados. Cada detalhe foi sendo cuidado e aos poucos foram nos levando a outros encontros com as instituições e cidade.

As andanças levaram a retomada aos poucos do papel ocupacional de estudante. O caderno, guardado com carinho pela professora, foi devolvido e, assim, as escritas antigas foram revisitadas e as folhas brancas restantes já foram sendo preenchidas por novas histórias.

Aos poucos as andanças foram indo mais longe, a construção de uma rotina possível ao contexto foi ganhando sentido, o qual era manifestado pela presença e interação de um fazer junto de algo real. Ampliação e reconstrução de um repertório ao estar com, que foi permitindo novas conexões com os outros.

O quebra cabeça das palavras repetidas ainda era um desafio de ser compreendido, mas a verdade daquela história estava ali. Com o tempo, uma das peças se encaixou e apareceu o desejo de buscar o número de um familiar, assim, o primeiro contato foi realizado depois de muito tempo. Ah, havia muitas dores para ser contadas ali no pouco tempo daquela ligação.

No entanto, a partir daí uma nova andança foi sendo possível, pode ter o início a sua (re) construção. A família também precisava de cuidado e escuta. Havia ali muito medo, estigma, desesperança e um forte sentimento de estarem sozinhos e de incapacidade de acolher. Seguimos lado a lado destes também, o que foi sendo possível se colocaram disponíveis e seguiram juntos.

#### 7.1.1 “Tem que ficar quieto”

Não nos conhecíamos, me deparei com um jovem que permaneceu por quase todo tempo sem falar, no entanto, não estava em silêncio. Seu olhar e corpo diziam muito, gritavam. “Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p.33). Na sala, muitos

falavam, alguns falavam dele como se este não estivesse ali ou parecia ser um objeto a ser comentado.

O sujeito em questão seguia observando atentamente a todos e seus olhos e expressões seguiam gritando. Com os pés descalços firmes no chão, olhos e corpo gritavam as violências marcadas, tatuadas ali, mas silenciadas pelas torturas. Silêncio necessário a quem resistia em sobreviver. “Habitou-se à morte como uma forma de vida” (EVARISTO, 2016, p.22).

No corredor, uma mulher, uma profissional carcerária com uma expressão dura, vestida com sua espécie de armadura batia com um bastão nas grades e gritava ordenando que ficasse quieto um homem que pedia remédio para sua dor de cabeça. Quais os humanos que podem sentir dor de cabeça? Estes é que não são, tem que ficar quietos.

Meses depois deste ocorrido, o mesmo mano que anteriormente os olhos e expressões gritavam agora me fala e novamente me ensina que muitas vezes para sobreviver tem que ficar quieto. E eu ali ao seu lado com meus sonhos de liberdade, escuto, me questiono, aprendo. Ah, compreendi que silêncio aqui foi estratégia de sobrevivência. Sim, aprendi na trajetória dele e de muitos isso sempre foi e está sendo necessário, mas sem deixar de olhar para isso como a marca simbólica da tortura, do poder sobre o outro que é silenciado.

Silêncio que outro mano me diz que é preciso quando é abordado pela polícia a noite. Enquanto dorme é acordado aos ponta-pés, jogado na viatura e levado para mais um reconhecimento. Seu “crime”? Preto, pobre e morador de rua. Não fez nada, não interessa, é suspeito, sempre é. É hora de ficar quieto. É capaz da *Pretinha*, a sua amiga e companheira canina de todas as horas levar um chute uma hora dessas, pois tem saído em sua defesa.

Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é preto como a virtude é branca. Todos estes brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável (FANON, 2008, p.125).

### 7.1.2 “ Na rua o teto é o céu”

Di Lixão abriu os olhos sob a madrugada clara que já se tornava dia [...] Pensou no colega de quarto-marquise. O menino havia sido mais esperto do que ele. Fugira. Ganhara o mundo. Já tinha bastante tempo que os dois dividiam aquele espaço. De dia perambulavam pela rua, cada qual no seu ganho. Encontravam-se ali no meio da noite. Às vezes conversavam muito. Falavam de tudo (EVARISTO, 2016, p.49).

No seu retorno, um início para tantas andanças, desafios e afetos na nossa construção caminhante de vínculo e confiança. “Encontramo-nos em nosso cotidiano de trabalho com o



desafio de, a cada vez, construirmos modos de agir e de cuidar que fortaleçam os processos de produção da vida” (ANGELI, 2014, p.49).

O menino/homem fala da saudade e falta de sua mãe, que lembra que era alta e magrela, da incompreensão sobre quem é seu pai. Nos documentos não consta o nome do pai, e quando perguntam? Diz o que? Memórias e desencontros que são rememorados enquanto se tenta persistir diante de tanta dureza vivida.

Durezas que insistem em produzir morte do tempo, espaço e história de uma vida. Resistência em seguir caminhando, resistência em montar o quebra cabeça das muitas lembranças que por vezes pareciam desconstruídas e faltar algumas peças.

O quebra cabeça foi sendo desvendado ao seu tempo e espaço. Espaço para ficar lado a lado em silêncio quando este era denunciado pelo olhar como necessário. Tempo/silêncio “que precisa encontrar a presença do outro que possibilite [...] o acesso a experiência de ser. O silêncio de si é paradoxalmente a presença silenciosa do outro” (SAFRA, 2009, p.79).

Espaço para escutar e sustentar a revolta que por vezes era transferenciada em nós que estávamos acompanhando. Espaço e tempo para escutar os muitos códigos e números de quando aparentemente pertenceu ao mundo do tráfico. Lugar este que um dia pode de alguma maneira se sentir simbolizado de outra forma, pela ilusão de um poder que roubava ainda mais a liberdade.

Por momentos as crises foram um desafio, no entanto, a estratégia para cuidar foi através dos gestos de encontro com a vida que acolhiam. Sentar na calçada, descansar o corpo e juntos tomar um leite com chocolate, sentarmos no pátio em meio a natureza para tomar um chá preparado por uma fada guardiã<sup>17</sup>

Sim, temos uma fada negra com seus cachos dourados que sempre estava lá, presente, atenta. Com seu olhar afetuoso e chá quentinho, cuidava. Depois do banho pela manhã, ela também tinha perfume em sua maleta mágica. Cuidado, afeto morando nos detalhes, morando na suspensão de um tempo das durezas encontradas na rua. Pequenos gestos e gigantes de sentido, de produção de vida, de conforto de ser cuidado e autoestima de sentir-se cheiroso. Ao som do Tim Maia, no almoço coletivo de Natal o mano se permite chorar pela falta de abraços e se encontra na canção.

O colega produzia o cuidado também ao fazer o curativo no ferimento da mão do outro, ao fazer a divisão no meio do pátio das roupas que encontrou. Por vezes o ambiente era a orla

---

<sup>17</sup> Referência a uma das trabalhadoras da Escola EPA que foi nossa grande parceira, e que há anos vem produzindo cuidado generoso e sensível.

do rio Guaíba, sentávamos nas pedras, e ao som do vai e vem das águas transportava para um respiro ser possível diante das cenas/memórias que machucavam.

“Ética, porque resgatar a poesia dos hábitos cotidianos é inseparável do resgate de sua dignidade, essencial na cura da desqualificação, causadora da intoxicação afetiva que enfraquece e imobiliza. Política, porque reativar a potência criadora da vida é resistir contra a humilhação, cujo efeito é exatamente miná-la” (ROLNIK, 2013, p.5).

### 7.1.3 “Mana, vamo pra casa”

Este convite surgiu em uma manhã ao estarmos mais uma vez em um serviço de saúde, em mais uma das tentativas de se buscar cuidados clínicos. Novamente o tempo para escuta não se fez, não foi possível construir o tempo que se gritava em silêncio como necessário. Em meio a correria, protocolos que diziam certezas do que se fazer, os muitos “machucados” do mano não foram cuidados.

Por que? O sujeito não aderiu, recusou o tratamento. Não havia tempo para tantos machucados. “Ele era uma dor só. As dores haviam se encontrado. [...] Doía o ódio” (EVARISTO, 2016, p.50). Como já tinha aprendido que tinha que ficar quieto, não falou, mas seguia gritando de outras formas. Infelizmente não houve tempo para ver e ouvir os gritos do silêncio.

Dor de dente matava? Não sabia. Sabia porém que ia morrer. Mas isto também, como a morte da mãe, pouca importância tinha. Onde estava o desgraçado do outro? Só não queria morrer tão sozinho. Os primeiros trabalhadores passavam apressados. Di Lixão teve vontade de chamar um deles, mas silenciou o desejo na garganta (EVARISTO, 2016, p.50).

Assim, o convite foi aceito e seguimos para casa. Mas, peraí, de que casa estamos falando quando se está em situação de rua? Logo pensei o que é ser casa estando na rua? No momento do pedido de irmos pra casa, fiquei me perguntando o que era casa pra mim e pra este sujeito? Lembrei da casa que o poeta e escritor Mia Couto nos fala em uma de suas poesias: “O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora”.

Assim, a partir dos afetos que mobilizaram ao viver esta experiência, tentei, cansei, mas segui construindo junto essa casa. Percebi com o passar do tempo que sabíamos o destino, e que realmente havia uma casa, uma morada afeto para retornarmos. Percebi também que ser casa era ali estar junto, lado a lado, e que naquele momento estávamos em processo de construção de ser casa, ser morada ao estarmos juntos. Nosso processo de vinculação estava mais fortalecido, a casa já tinha uma estrutura.

Aqui, o que reconheço como ser casa, morada afeto é também uma Escola. A Escola Porto Alegre - EPA é uma instituição Municipal de ensino fundamental EJA, que atende prioritariamente pessoas em situação de rua e extrema vulnerabilidade. Um espaço de educação alicerçada pelos princípios da educação popular Freiriana, onde também se liga fortemente às práticas da política de redução de danos. “As práticas de redução de danos e riscos sociais apontam para possibilidade de intervenções visando à melhoria da saúde nos circuitos de sobrevivência e de acordo com a vida destas pessoas” (VARANDA; ADORNO, 2004, p.67).

Essa escola que também é casa, pois mora em nós como casa. Aqui digo nós, pois neste local que também senti morada afeto foi meu cenário de prática da residência, onde conheci esses manos e manas que me ensinaram tanto com as suas experiências do vivido, onde também conheci e aprendi com os educadores/lutadores que constroem cotidianamente resistência e morada afeto com seus estudantes.

Que poder, que estratégias têm usado este espaço? Tem afeto, tem acreditar no outro, tem mestres/sonhadores por uma sociedade mais justa. Essa é a EPA, essa é a morada afeto para muitos que são marcados por trajetórias de desencontros. Desencontros com o cuidado do outro, desencontros com as políticas públicas que persistem em negligenciar essas vidas. Cuidado e direitos tão necessários para todo o sujeito se desenvolver, ter saúde e aprender.

Nesta Escola morada afeto conheci trajetórias, vivi junto histórias, pois se colocar neste espaço-tempo onde se é vivido intensamente o acontecer do dia a dia, o lugar de espectador rapidamente se desloca, se põem em movimento e sem perceber se está mudando as formas de experienciar o tanto que as situações nos convocam. Está tudo ali exposto, transparente, vivo, em movimento.

A rua com sua transparência, aprendi que somente aceita a verdade, nos coloca em movimento, a abertura de estar vulnerável e não saber. Sofremos, ah, mas não se pode deixar endurecer, já basta as calçadas. Processo de se aventurar na incerteza, de viver os acontecimentos do dia a dia, de conexão com o sensível. Lugar de deslocamento, de construção de relações horizontalizadas e de afeto.

Assim, também essa Escola se faz acontecer, se desconstrói e reconstrói diariamente. É espaço de luta, de acolhimento, cuidado, redução de danos e de aprendizagem. Espaço também de erros, pois é construção humana com suas impermanências e incertezas. Em movimento vivo! Os manos/estudantes são exigentes, parece que a rua os ensina a analisar muito bem estes forasteiros que se aproximam. A confiança é uma conquista que passa por avaliações, somente a verdade é aceita. Leva tempo, mas estes vão sinalizando quando a caminhada está indo em direções que fazem sentido.

*O educador nos encontra na frente da Escola. Nos olha e conta que nos encontrou pelas ruas, nos viu em uma de nossas andanças. Fala de nosso caminhar a três. Ali nos confessou que viu potência no nosso caminhar juntos. A cena que nos descreveu deste momento, foi que tinha nos vistos conversando e dando risada pelas ruas. Com aquele relato ele também nos apontou que nossa caminhada tinha sentido e que estava sendo construída com alegria. Acredito que este encontro nos colocou em movimento, cuidamos uns dos outros. Movimento vivo que cuidou de quem por vezes, em tempos atrás nos tinha confessado que tudo aquilo estava complicado demais. Com seu relato, ele também cuidou de nós, ao sermos significados pelo seu olhar com emoção e acreditar em nosso trabalho.*

Eu, enquanto forasteira que cheguei ali, posso partilhar que este espaço dialoga com a vida. Processo de aprendizagem em diálogo com a vida de quem aprende, de quem ensina/aprende como Freire (2011) sempre apontou ser o caminho. É espaço de luta e resistência que tem que elaborar estratégias diárias para seguir cuidando do descuido. “Pensar a educação a partir do par *experiência/sentido*” (BONDÍA, 2002, p. 20)

E mesmo em meio a tantas adversidades e complexidades já segue nesta caminhada há 25 anos. Essa por vezes se vê cansada, mas resiste diante de tantos desafios, injustiças neste tempo que nos tem apavorado, inquietado cada vez mais.

#### 7.1.4 “Quantos filhos Natalina teve?”<sup>18</sup>

“Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá de dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz. Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu”<sup>19</sup>

A menina/mulher preta/mãe/ex-detenta/cidadã de rua/estudante carrega na sua pesada bagagem muitas dores. Posso te contar que essa mana tem um fiel escudeiro, o “guri” seu cão amigo, guardião de todas as madrugadas e que sempre fica a sua espera no portão lilás da EPA. A menina cresceu sendo institucionalizada, hoje tem feito da rua sua morada. Suas histórias e lembranças contam de uma fuga a pé da fazenda/instituição na qual foi obrigada a ficar e onde a “guardiã malvada” que iria lhe “cuidar” ficou com seu benefício, o qual até hoje não recebeu nenhum tostão.

Ganhou a avenida, ganhou outras ruas. Escondeu-se o mais longe possível de casa. Ganhou outros amigos também. Um dia, junto com outra menina-mulher que também

---

<sup>18</sup> Título de um dos contos do Livro Olhos D'água da escritora Conceição Evaristo (2016, p. 27).

<sup>19</sup> idem

esperava um filho, tomou um trem para mais longe ainda. E respirou aliviada. Sá Praxedes não a pegaria nunca (EVARISTO, 2016, p.28)

Hoje, a mulher adulta sofre todos os tipos de violência na rua, os companheiros ao mesmo tempo que a protegem de certo modo, aqui ter um companheiro é estratégia de redução de danos, no entanto, estes mesmos também agredem, violentam. A mana também já esteve por um tempo na prisão, consequência de estar com companheiros que tiveram envolvimento com o mundo do tráfico. “O tráfico lidera as tipificações para o encarceramento. Da população prisional masculina, 26% está presa por tráfico, enquanto que, dentre as mulheres, 62% delas estão encarceradas por essa tipificação” (BORGES, 2019, p.22).

É mãe de quatro filhos, três deles já ficaram pelo hospital quando ela saiu, não deixaram ela ficar com nenhum deles. “Mulheres barrigudas entravam no barraco de Sá Praxedes, algumas, quando saíam, traziam nos braços as suas crianças, outras vinham de barriga, de braços e mãos vazias” (EVARISTO, 2016, p.28). Agora aos seis meses de gestação diz que quer ficar ao menos com este, já sonha em fazer um chá de fralda na Escola e pensa em alguns nomes para o bebê. Pede ajuda: *"Sora<sup>20</sup>, tu tem que estar junto comigo quando eu for ganhar"*.

Estava feliz. O filho estava para arrebentar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela [...] Aquela criança, Sá Praxedes não ia conseguir comer nunca [...] Sabia que o perigo existia, mas estava feliz. Brevemente iria parir um filho. Um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte (EVARISTO, 2016, p. 31)

Enquanto fazia os exames, ouvíamos o coração acelerado do bebê, nós duas suspeitávamos que pudesse ser um menino, acertamos! São encaminhados novos exames, a profissional lhe entregou alguns papéis de encaminhamento. Papéis, endereços, encaminhamentos " para encaminhar os papéis que enumerei neste papel aqui para ti... blá... blá... blá..." (DUTRA, 2018, p.18). Ela escuta todas as orientações, fica quieta e me olha.

Que possibilidade de isso dar certo? Quase nenhuma. A vinda até o serviço não tinha sido tarefa fácil, horas de conversa e negociação. Proposta aceita, o cuidado com o bebê já fazia sentido e era desejado. Como relatei anteriormente, a mana tem um histórico de institucionalização, os três filhos anteriores foram retirados. As instituições não têm sido muito acolhedoras com ela, não é mesmo? A instituição lhe roubou, lhe prendeu, lhe retirou os filhos...não tem como confiar.

Enquanto a mana se dirige a outra sala de exames, pontuo para profissional algumas dessas questões, e relato um pouco de como está a situação da gestante no contexto de rua e em uso de drogas. E outra questão, que inicialmente pode parecer simples, mas que não é pelo que

---

<sup>20</sup> Por estarmos no ambiente escolar, somos chamadas também carinhosamente de *sora*, modo reduzido da palavra professora

já se observava a acompanhando. Ela pouco circula pela cidade, tem uma dinâmica de ficar pelas redondezas da Escola onde estuda, pouco sabe circular pelos serviços, já que não os procura espontaneamente.

Diante da dureza imposta pelos protocolos, tempo, falta de profissionais, pouca familiaridade com as necessidades e particularidades da população em situação de rua fizeram com que a profissional não enxergasse outra saída, além de dar os encaminhamentos. Enfim, a colega não conseguiu escutar a mana, mas como estávamos juntas nessas andanças consegui falar junto com ela de suas necessidades para que fosse possível a realização dos exames. - *Temos que acompanhá-la!* Assim, construímos ali um novo percurso, a abordagem de rua passou a compor o cuidado. Iria pela manhã acordá-la e levá-la até o laboratório. A partir daí o cuidado foi sendo possível de ser construído com mais mãos.

E a mãe, enfim, pode sair com seu bebê nos braços do hospital. Eu não consegui acompanhá-la no dia do parto como me pediu, no entanto, acho que contribui um pouquinho com a construção da ponte para que isso acontecesse. Escutar o coração pulsante, vibrante de seu bebê naquela manhã é uma das memórias dessas andanças que me fazem seguir acreditando. É a vida resistindo!

## **8 “NÓS QUE SOMOS CIDADÃOS DE RUA”**

Chimamanda Adichie (2009) nos alerta dos perigos de se contar uma história única, assim, instigada por este aprendizado, quero, para além de problematizar a dura realidade das violências, injustiças sociais e brutal desigualdades que esses sujeitos sofrem por ocuparem as ruas, poder narrar outros tantos que encontrei caminhando junto a eles. Estes, que já carregam uma bagagem muito pesada de estigmas e construções sociais que os colocam a ocupar papéis sociais de marginalização de suas existências, no entanto, quase nada é dito sobre eles além disso. O que será que querem que conte sobre eles? O que gostam? Quais seus medos e sonhos?

Assim, pensei que gostaria de falar de suas potencialidades e o quanto apesar de todas as adversidades, a grande maioria mantém a força coletiva de resistência para se manter vivos uns aos outros. No grande quilombo da rua, esses manos e manas seguem apesar dos desafios trilhando experiências que marcaram a luta dos povos oprimidos que sempre precisaram se reunir para ser possível continuar existindo.

Sempre em luta e resistência pelo direito de existir a população em situação de rua se mobiliza e em 2004 dá início ao Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), após a

chacina ocorrida na Praça da Sé, no centro de São Paulo no dia 19 de agosto de 2004. O Massacre da Sé cometido por policiais militares e um segurança particular marca um dos maiores exemplos da violência contra a população de rua, onde sete pessoas foram mortas e seis deixadas com sequelas irreversíveis. Apesar das muitas violações de direitos e violências que a população em situação de rua ainda é acometida diariamente, desde então, o MNPR vem se constituindo enquanto resistência coletiva, denuncia e luta em defesa dos direitos da população em situação de rua com a presença do movimento em 18 estados brasileiros (ANF-Agência de notícias das favelas, 2020).

Em Porto Alegre, no ano 2008 se iniciou o Movimento Aquarela da População de Rua (MAPR), onde passou a se articular com Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) em resistência conjunta aos projetos violentos do município contra o direito à cidadania desta população. No decorrer o movimento passou por tempos de atividades intensas e por períodos de desarticulação. No ano 2013, o movimento é retomado e se incorpora ao movimento nacional passando a ser chamado de Movimento Nacional da População em Situação de Rua do Rio Grande do Sul (MNPR-RS). Uma das atuações importantes do MNPR-RS foi no ano 2014 durante o governo Fortunati/Sebastião Melo que anunciou o fechamento da Escola Porto Alegre, a EPA, que atende as Pessoas em Situação de Rua. A luta do MNPR-RS junto aos estudantes, professores e aliados conquistou o apoio da DPU- Defensoria Pública que ajuizou uma ação contra o município que resultou na permanência da escola (CAMPOS et al, 2017).

Apoio que tem sido fundamental no decorrer destes anos, em 2019 tive a oportunidade de participar e aprender junto com estes que mais uma vez tiveram que traçar uma nova luta contra o município pelo não fechamento da escola. Ali pude presenciar a força da luta coletiva e alegria de comemorar junto a resistência em defesa do direito dessa população acessar a educação em um espaço de redução de danos, cuidado e fortalecimento da cidadania. Luta pela garantia ao acesso à educação como descrito em um dos objetivos da Política Nacional para a População em Situação de Rua: Art. 7º I - assegurar o acesso amplo, simplificado e seguro aos serviços e programas que integram as políticas públicas de saúde, educação, previdência, assistência social, moradia, segurança, cultura, esporte, lazer, trabalho e renda (BRASIL, 2009).

Mesmo com muitos desafios e dificuldades o fato é que o MNPR-RS, a Escola Porto Alegre- EPA, o Jornal Boca de Rua e a Amada Massa são exemplos de luta e resistência da população em situação de rua, e que estes têm muito conhecimento e histórias a nos contar e ensinar de suas andanças conquistadas lado a lado.

Resistência coletiva tão necessária diante desta sociedade atual que cada vez mais vem se construindo por ideais de individualidade, produtividade desenfreada e sem um projeto comum coletivo.

Desta forma, a ideia é poder partilhar aqui para além dos desafios a potência, a produção de vida que podemos encontrar e aprender ao estar lado a lado com a população em situação de rua. Colocar aqui o humano que há nas ruas, que como em todos os espaços é constituída de experiências humanas, ocupada por sujeitos com suas potencialidades, fragilidades, erros e acertos. Sujeitos com seus medos, inseguranças, alguns com muito ódio, traumas, encontros e desencontros. Pessoas de grande sensibilidade, algumas com grande talento para as artes. Pessoas com sonhos, outros que já no momento não encontram perspectivas diante de tanta dureza vivida, e muitos, como eles mesmo definem, que muitas vezes só querem uma coisa, *serem olhados como gente*.

*O mano/sorriso que apesar das durezas terem lhe roubado muito, estas não lhe tiraram a potência do seu sorriso estampado no rosto. Muitas vezes sua existência é definida apenas como o louco, ex-detento, loló, morceguinho. Mas aqui eu gostaria de lhe contar outras coisas a respeito dele. Posso te contar que ele tem um coração gigante, sabe muito bem dividir com os parceiros sua renda de 91,00 reais do bolsa. Sabe organizar, criar um piquenique com suco Tang de laranja, o preferido, e bolachas recheadas. Ah, dá a dica, tem que tomar o sorvete bem devagarinho, aí demora pra acabar. O que ele curte? Gosta muito do Sorriso Maroto<sup>21</sup> e da sua Escola EPA, este ano inclusive acha que não quer ser aprovado e ir para T2, quer ficar por mais tempo por lá.*

Há um menino  
Há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança  
Ele vem pra me dar a mão [...] <sup>22</sup>

O mano tem sido colocado, aprisionado em alguns papéis sociais, os quais o torturam a seguir. Por vezes, as suas lembranças por ter sido machucado e ainda estar sendo todos os dias, o desorganiza, fica agitado. “Porta em seu ser a verdade de nosso tempo” (SAFRA, 2010, p.41).

Por vezes, tem se expressado no mundo assim como um andante machucado, confuso e agitado pelas muitas perseguições reais e as que já fazem morada em sua mente e corpo em busca de ser ouvido, reconhecido e significado. No entanto, tais situações o têm levado para

---

<sup>21</sup> Sorriso Maroto é um grupo musical de samba.

<sup>22</sup> “Bola de meia, Bola de gude” canção composta por Milton Nascimento e Fernando Brant (1989).



prisão ou manicômio. Segue intercalando entre o papel de louco, outras vezes do detento. Mas o que ele gosta mesmo é de ser estudante da T1<sup>23</sup>.

As situações que têm se colocado estão seguindo os caminhos e as expectativas que a sociedade espera dele. Assim, o mano tem sido mais um número para manutenção de uma estrutura, projeto de uma sociedade enraizada em sua crueldade, que infelizmente segue se perpetuando, pois se orgulha disso, e ainda pior, poucos têm lucrado muito com tudo isso.

Dessa forma, aqui, diante de intensas experiências, qual seria o papel do profissional da saúde ao estar junto com estes sujeitos? Identifico que a primeira delas é caminhar junto, lado a lado. Possibilitar andanças por outros caminhos que antes não eram reconhecidos, identificados como seus de direitos. Trilhar andanças juntos, nos reconhecendo, nos olhando de outra forma, nos significando um pelo olhar do outro.

Aqui, os caminhos para que estes objetivos estivessem presentes, foram voltados ao cotidiano, ao fazer, aos papéis ocupacionais significativos para os sujeitos. Aqui, em especial a atenção foi voltada ao papel ocupacional significativo de estar estudante, o qual estava oportunizando um outro lugar no mundo, o qual também estava possibilitando para além da garantia do direito de estudar, estar sendo uns dos únicos territórios afetivos no momento.

*O mano tem falado em esperança de amar novamente. Fala de um relacionamento que acabou, fala de preconceitos que estiveram presentes nesse encontro. Ali no seu fazer artesão está em processo de pintura de duas obras suas em argila. Duas mulheres bailarinas, uma branca e outra preta. Enquanto a mulher branca veste um vestido rodado na cor azul, a mulher preta não tem o antebraço. Me diz que ela tem que ser assim, sem a parte do braço e que não tem problema.*

*Seguimos juntos para mais um dia de feira na contra ponto da UFRGS<sup>24</sup>. As peças têm que ser embaladas e transportadas com muito cuidado, são peças de cerâmica que foram criadas com muito cuidado, dedicação e tempo desses artistas. Vamos torcer para o motorista do carro do aplicativo não fugir novamente quando nos ver. Um dos artistas também é o vendedor das obras, quando se apresenta não se identifica como artesão/artista, fala aos clientes que é morador de rua.*

*O tempo passou, entre as nossas muitas idas às feiras, fomos buscar os serviços da rede de assistência social e saúde mental, o artesão nunca tinha se inscrito para receber o bolsa família, por exemplo. A documentação foi feita, tudo certo! Está com todos os documentos*

---

<sup>23</sup> Turma T1 referente às séries iniciais do Ensino Fundamental.

<sup>24</sup> Entrepasto de Cultura, Saúde e Saber é um espaço de comercialização solidária, situado no Campus Central da UFRGS. Oferece produtos nos segmentos de alimentação, artesanato e confecção.

*prontos. Percurso este que teve que ser feito muitas vezesssssss, já que seus documentos eram perdidos, retirados pelas ações truculentas que ocorrem diariamente em Porto Alegre, onde agentes da Prefeitura Municipal retiram os pertences da população em situação de rua e os destina ao caminhão de lixo.*

*Assim, entre começos e recomeços fomos buscando significar o lugar de cidadania e de artista. Ao mesmo tempo que buscamos os direitos sociais, buscamos também o seu registro como artesão. O primeiro passo foi se inscrever na Casa do Artesão para realizar a prova prática exigida para avaliação do trabalho como artesão. Na semana seguinte pela manhã lá estávamos nós. Em uma sala tranquila com uma música ao fundo, o mano criou duas novas obras e expôs ao avaliador as que tinha levado. Foi aprovado!! Que alegria! O sorriso tímido, meio envergonhado, estampou aquele rosto. O mano agora tem seu registro, sua carteira de artesão. A sua professora na Escola também tem essa carteira, agora os dois tem, são colegas de profissão (Artesãos). Diz que a sua carteira de artesão quer colocá-la em um quadro na parede da Escola<sup>25</sup> O artesanato produzido com cuidado técnico e estético, e com materiais de boa qualidade, portava e disseminava o valor do próprio artesão enquanto parte integrante do mundo das interações sociais, promovendo a validação de saberes e fazeres (ALMEIDA; BARROS; GALVANI, 2011, p.357-358).*

Aqui pode-se observar que o mano passou a se identificar como “cidadão de rua”. Fala esta que está registrada em uma entrevista que foi realizada na Escola por um telejornal local. Está certo, é cidadão da rua, a rua é sua realidade, no entanto, agora passou a se identificar enquanto cidadão. Também tem o seu registro que prova socialmente ser um artesão.

Infelizmente, ainda com relação a sua situação econômica, essas ações podem ter pouco impactos financeiros concretos, no entanto, em relação aos processos subjetivos encontra-se a potência de ter a possibilidade de se olhar de outro modo, de ser significado em outros papéis sociais, possibilidade de sonhar ou se imaginar com horizontes.

As andanças sempre foram buscando olhar e estar na companhia desses manos, o estudante, o artesão, o cidadão de rua, o mano/sorriso. Sempre foi enxergando eles que o percurso foi trilhado. Existem, estão vivos, presentes na vida e, apesar de tudo, tem mantido e nos vem ensinando a manter os moleques vivos dentro da gente. Passei a tomar sorvete de outra forma e ouvir o Sorriso Maroto sempre me traz alegria.

---

<sup>25</sup> A escola EPA tem o NTE (Núcleo de trabalho educativo), o qual tem oficinas de aprendizagem e geração de renda com peças produzidas em cerâmica e arte papel reciclado. Os estudantes participam no contra turno das atividades curriculares e em atividades externas (feiras artesanais, coletivos de economia solidária). Práticas que favorecem as suas participações sociais e possibilidade de geração de renda, vinda de suas artes.

## 8.1 Entre andanças e escadas rolantes

*“Uma única certeza demora em mim:  
o que em nós já foi menino não envelhecerá nunca” (Mia Couto).*

Foram muitas idas e vindas ao fórum central de Porto Alegre. Por vezes, essas idas eram repletas de apreensão, tensão por não saber bem ao certo o que nos esperava, já que habitualmente não éramos muito bem recepcionados por lá.

Mas o que significa esta ida ao fórum? Muitas das situações que acompanhei, por vezes sujeitos que saíam da prisão, tinham que se apresentar no fórum a cada dois meses, mas não faziam, em função de haver uma condição de sofrimento psíquico intenso, no qual gerava um processo de bastante desorganização, o que os limitavam em gerir sozinhos atividades burocráticas, ainda mais aliadas a tantos maus tratos, falta ou orientações mal explicadas. Ah! Quando eram permitidos entrar no espaço.

Pode-se perceber as contradições das obrigações que estes devem cumprir ao saírem do sistema prisional. Posso dizer que estes que acompanhei tentavam, mas por muitas vezes eram impedidos de entrar. Parece que esta tem sido a lógica: é negado o direito de entrar no lugar que devem ir assinar algo que são obrigados, mas são impedidos de cumprir, assim, retornam à prisão no próximo paredão policial na rua. Em especial, pode-se observar que os casos de sofrimento psíquico não têm uma avaliação e compreensão por parte destes setores do sistema judiciário.

Certo dia, o mano conseguiu expressar enquanto esperávamos sermos atendidos. Me diz que vir ali na minha companhia era mais tranquilo, pois se estivesse sozinho nem iriam deixá-lo entrar. Aqui ele coloca os nossos lugares no mundo, estar comigo, eu com meus privilégios de ser branca e de ter uma formação não sou impedida de entrar nos lugares e de alguma forma sou ouvida.

O fórum central tem rampas para subidas e descidas, tenho a lembrança de quando íamos embora. Lado a lado seguíamos felizes por saber que durante um certo tempo as coisas ficariam um pouco mais tranquilas. A abordagem dos “coletes” fica um pouco mais tranquila, é só dar o nome e dizer que está tudo certo lá no fórum.

Apesar disso, nos permitimos criar momentos de alegria neste espaço, ao chegar desbravamos a escada rolante, esta que no início colocou um pouco de medo no mano/menino, mas que depois já fazia parte de um ritual que era só nosso. Pequenos momentos, mas de alegrias diante das durezas.

O brincar, por suas características, cura a criança e o homem. Independente das intervenções e das interpretações [...] ele por si mesmo promove a transformação e a cura. Embora o brincar não produza e seja aparentemente algo só da infância, ele apresenta os elementos ou a matriz do que é fundamental para o ser humano (SAFRA, 2006, p.16).

Aqui nestes momentos aprendi o cuidado se construindo nas pequenas delicadezas do dia a dia, que este pode ser realizado, inventado na simplicidade, em um lugar pequeno, singular. “Criar as condições para reativar o lúdico, o afetivo e o poético nos gestos cotidianos e, conseqüentemente, nos territórios existenciais que se produzem através deles” (ROLNIK, 2013, p.5).

Creio que talvez seja mais um dos nossos desafios nas práticas em saúde, criar em meio ao precário, ver as potências que estão ali no dia a dia, no território. Desafio em resistir a tantas fragilidades. As andanças pela cidade nos vão mostrando muitas possibilidades se estivermos atentos, talvez olhar com mais atenção as escadas rolantes pela cidade, ver ali o brincar como possibilidade de cuidado, brincar com a cidade, se ocupar dela que por direito é de todos nós.

A estes que tem sido negado tudo, o movimento foi em direção a seguir lado a lado na invenção de um lugar, de possibilidades para existir os gestos cotidianos que têm sido negados, paralisados pela não permissão de existirem. Estes, que não tem lugar, não podem ficar nas calçadas, não podem entrar nos comércios. Onde é possível estar? Aprisionados, longe, nas nossas muitas “prisões”? Resistiremos juntos!

## **8.2 “O que tu viu de bonito hoje? ”**

*“Eu vi um passarinho no topo de uma árvore, tinha muitos juntos, mas esse era verde, vermelho e amarelo”.*

A preparação para a tarde estava intensa, tínhamos que encontrar uma roupa especial para nosso passeio. Demos um jeito, a calça verde escura social ficou muito bonita, no entanto, estava um pouco larga, o que fazer se não temos um cinto? Amarramos um cordão e lá fomos nós.

A professora, nossa parceira de andanças, mais uma vez segue junto conosco, em seu carro branco nos leva ao nosso destino. Ao entrar no carro um dos manos abre as janelas, pede com muita gentileza para ligar o rádio, escolhe uma música e assim seguimos nós, com vento no rosto olhando a paisagem de Porto Alegre.

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos (DELEUZE, 1992, p.18 apud SADE; FERRAZ; ROCHA, 2013, p. 282).

Chegamos ao nosso destino, uma exposição de arte. Já de início um de nossos manos quis participar de uma sessão de fotos que estava acontecendo no local. Ali, onde vimos produção de vida, brincadeira, este movimento provocou espanto, olhares de quem naturalizou que este lugar não era para estes sujeitos estarem, enfim ocupar a cidade foi nossa resistência neste trajeto. Dispositivo de cuidado, de reconstrução da cidadania e de (re) pertencer a cidade. “Redescobrir que gestos constituem espaços e demarcam territórios de existência, aquilo que provê um sentimento de si e a possibilidade de inserção no mundo” (ROLNIK, 2013, p.7).

Em uma das salas havia uma intervenção artística, na qual tinha um espelho ao centro. Assim, o homem/menino com sua calça verde social se depara à frente desse espelho e permanece ali por um tempo olhando a própria imagem. Olhando fixamente a própria imagem coloca suas mãos nos bolsos, movimenta a cabeça, parecia estar analisando cada parte do rosto que estava um pouco escondido pela sombra do boné. O momento pedia outro tempo, o tempo parou e o homem/menino pode se ver, e sorri. "É fundamental que a pessoa possa alcançar o silêncio como experiência de presença" (SAFRA, 2009, p.77).

## **9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “E CORAÇÃO DIZ: - SIGA”<sup>26</sup>**

Estas andanças escritas que tentei percorrer até aqui surgem de um percurso de muitas inquietações, desconstruções/reconstruções e aprendizados que foram possíveis a partir das experiências do vivido que esta jornada de dois anos de residência em saúde mental coletiva me possibilitou viver.

Ao estar lado a lado, acompanhar, caminhar junto com as vidas andantes nos territórios, em situação de rua, me deparei com muitos processos de tortura, violação de direitos e desumanização de sujeitos que já estão sendo colocados nas ruas, na exclusão há muitos séculos. Com isso, resolvi aqui revisitar alguns fatos históricos que escancaram o poder de continuidade do projeto sócio político histórico e atual de criminalização dessas existências, os “sobrantes” das periferias, das ruas, da prisão e da loucura.

Com foco na complexidade que vive a população em situação de rua fui aqui desenhando uma cartografia dessas experiências ao revisitar as memórias das muitas andanças que narram um percurso que vivemos juntos lado a lado.

Andanças estas que me levaram a ver a crueldade da produção de desigualdades, onde homens e mulheres, a grande maioria negras sendo ainda torturadas a ocuparem lugares de

---

<sup>26</sup> Trecho da música Trevo, figuinha e suor na camisa- Emicida (2020).

exclusão. Parece que ainda não saímos do séc. XIX, o código penal de 1830, a Lei da Vadiagem de 1941 estão mais atuais do que nunca, no entanto foram modernizadas pela Lei da guerra as drogas que irá “salvar” e acabar com estes indesejáveis. Os “sobrantes” que na verdade são uma construção e continuidade de um projeto de negação do direito de ter sapatos, e que ao andar com seus pés descalços no próximo paredão truculento da polícia são presos. No entanto, apesar de tudo isso descobri andando junto, que nesses pés descalços habita uma teimosia de seguir se levantando e andando, o que os faz resistir.

Freixo (2019) faz uma pergunta e questiona: “por quem, e com quem, estou lutando para que esse mundo seja mais justo? ” (p. 113). Olhando para os lugares que escolhi estar nesse processo, acredito que encontrei essa resposta. A itinerância por Porto Alegre proposta pela residência no início do percurso instigou abertura a aventura, o que mais tarde fez todo sentido ao estar andando pelas ruas, pelos territórios. O jogo observado naquela praça, criado pelas pessoas com o que se tinha disponível me deu algumas pistas. Havendo aposta na vida, mesmo no precário podemos encontrar brechas, criar. As andanças lado a lado me fizeram aprender escutar o que não está sendo dito por palavras, a importância do silêncio em alguns momentos, outras vezes o porquê dele.

A importância de tirar um tempo para brincar com as escadas rolantes pela cidade, de perguntar ao outro o que tem visto de bonito. De um cuidado sendo construído através do resgate dos gestos simples cotidianos que ligam a vida. A diferença que faz ter espaços que unem cuidado, fortalecimento de identidades jovens e possibilita algumas oportunidades que podem apontar novos horizontes. Ver uma vida machucada tendo a possibilidade de se reinventar “fez minha angústia conviver com alegrias” (MERHY, 2003, p.7).

As andanças de pés descalços nos levaram ao encontro com o “território como potência”<sup>27</sup>, mas também com uma cidade de calçadas duras e geladas que segue marginalizando os “esfarrapados do mundo”<sup>28</sup>, os “condenados da terra”<sup>29</sup> onde marcadores sociais denunciam o legado da escravidão, do processo de colonização e das políticas de precarização e produção de desigualdades. Estado do terror, da medicalização dos problemas sociais, genocídio e encarceramento da população negra e pobre.

Estar nesses cenários me fez compreender, ter mais atenção e responsabilidade de enxergar e escutar o recorte de raça que escancara a naturalização de muitas violências, efeitos do racismo e desigualdade que estrutura a nossa sociedade, e os seus impactos geradores de

---

<sup>27</sup> MERHY, 2020

<sup>28</sup> FREIRE, 2011

<sup>29</sup> Título do Livro: Os condenados da Terra, FANON, 1968.

sofrimento psíquico. A cada vez que escutava e presenciava mais uma situação de violência, a cada vez que era apresentada a autores/debates na residência ficava mais forte a consciência, a responsabilidade e dever ético como cidadã aliada e profissional da saúde de escutar e considerar a origem que essas dores e injustiças são produzidas, e que elas precisam ser validadas e significadas para que possam haver mudanças efetivas no dia a dia, para que a justiça social não fique só no discurso.

A tortura é real, machuca, está presente dia a dia na periferia, nas ruas, na prisão. Qual a política pública que tem chegado primeiro a eles? Permeada pelo racismo, uma delas tem sido a política de guerra às drogas, ferramenta eficiente que intensifica a produção do inimigo, criminaliza os corpos da exclusão que vem perambulando entre o corpo da loucura e da prisão.

Estes percursos me levaram a percorrer situações envolvendo o sistema prisional, o encarceramento de alguns destes sujeitos que quando era possível retornavam apresentando condições de extremo sofrimento psíquico desencadeados ou agravadas durante este processo. Condenados pelo não lugar social e espaços retornavam às ruas com seus pés descalços. Pés descalços esses que agora o marcava, significava como corpo da loucura. A nós, se apresentava o desafio de um cuidado em liberdade, de uma (re) construção andante lado a lado de um cotidiano possível para tantos que a história tem sido de negação de sapatos.

As andanças me levaram sempre ao território, lado a lado as vidas andantes que seguem resistindo, reinventando, mas que estão sendo muito machucadas no dia a dia. No território, descobri potência se fazendo com o mínimo. Tive a felicidade de encontrar muitos sonhadores caminhantes, aprendi, sofri, mas me encontrei em suas resistências e sonhos.

Estive com uma galerinha jovem em um território marcado por muitas violências, mas cheio de vida. Lá encontrei muitos sonhos e sonhadores, sonhei junto. Os matadores de sonhos que se cuidem, pois os manos e manas jovens estão resistindo e chegando para brilhar muito. Lado a lado, aprendia e me colocava disponível para o cuidado. O coração dizia e sempre seguirá vibrando e dizendo - sigam, sigam, sigam!

O que faltou para nós nos momentos que estivemos juntos? Abraços! Impedidos de se abraçar por uma pandemia, tivemos que nos conhecer pelo olhar. Pouco a pouco íamos construindo o nosso possível. “*País dos sonhos*”, país onde os sonhos são sonhados. [...]. Todos iam para o país dos sonhos, e faziam muita confusão e muito ruído ensaiando os sonhos que iam sonhar” (GALEANO, 1991, p. 43).

A leitura do olhar dos manos e manas da rua foi sempre necessária e apontava caminhos. A rua me ensinou que se é vulnerável, e é necessária abertura ao não saber, a invenção. Se não me colocasse disponível, não estivesse aberta, nada feito, não se conseguiria trilhar as muitas

andanças. Desafio e atenção de não ser ou tornar-se mais uma “*colete*” a vir com, reproduzindo o “blá...blá...blá...” (DUTRA, 2018, p.18).

Caminhamos, transitamos muito pela cidade, algumas vezes a chuva nos pegou pelo caminho. Será que mais uma vez o carro do aplicativo vai fugir da gente? A solução é se esconder, e quando chegar entramos no carro. Sentimento de tristeza diante da situação, mas transformada pelas risadas de mais uma estratégia de resistência que nos obrigavam a pôr em prática ao ocuparmos a cidade nas tentativas de existir nela.

Chegando nesta andança final queria poder dizer a todos, que por vezes sofri, mas que essas pessoas me permitiram aprender a resistir, por vezes até entortar, mas junto com eles encontrei caminhos para não me deixar quebrar, como ensina o poeta Sérgio Vaz. Ah, mas as alegrias ao caminhar junto com vocês foram maiores.

Hoje, sinto que mais uma vez tornei-me muitos, já não sou mais a mesma que antes de conhece-los. Só agradecer por mais esta trajetória que tive a oportunidade de encontrar tantas histórias que me transformam, tantos olhares que me alegam pela vida que há neles, tantas lutas trilhadas que me inspiram. Seguimos!

Aos manos e manas, eu quero falar o quanto aprendi nesta trajetória que vivemos juntos. Enquanto profissional em formação de uma especialização em saúde mental coletiva vivi muitas inquietações e incertezas, aliás isso é um dos maiores aprendizados que vocês me ensinaram, a viver a incerteza. Precisei me desconstruir e reconstruir várias vezes, aprendi, ao estar, ao me colocar de pés descalços, que tenho que ir a passos pequenos, mas persistentes.

Acredito cada vez mais que muitos caminhos, brechas eles já sabem, estão aí exemplos construídos por eles como o jornal Boca de Rua<sup>30</sup>, a Amada Massa<sup>31</sup> e a EPA para provar que é possível inventar lugares para existir, ter outros papéis sociais como cidadãos. “Experiências catalisadoras da construção de novos territórios existenciais” (ALMEIDA; BARROS; GALVANI, 2011, p.358). Sim, esses manos e manas sabem muito bem fazer a gestão do cuidado, construir redes entre eles, mas precisam de aliados nessas andanças. “Liberdade é coisa que se conquista conjuntamente” (BORGES, 2019, p. 18).

Merhy (2020) fala da construção de resistência que essas populações vão inventando, se comunicando e interagindo em redes relacionais para não serem exterminadas. São “territórios vivos”, e devem ser olhados desta maneira, o que implica que no campo da saúde,

---

<sup>30</sup>O Jornal Boca de Rua é produzido e vendido há 20 anos por um grupo de pessoas em situação de rua da cidade de Porto Alegre - RS.

<sup>31</sup> A Amada Massa é uma iniciativa de reparação social na forma de um Clube de Pães que tem como intenção colaborar com a construção de autonomia através de um sistema de apoio e de geração de renda para pessoas em vulnerabilidade social.



os territórios de tecnologia do cuidado devem ser compreendidos com mais complexidade. E do quanto se faz necessário a “construção de vínculos de relações tão complexas quanto esses territórios são”, e desta forma será possível “constituir pontes de comunicação”.

Na cidade "luminosa", moderna, hoje, a "naturalidade" do objeto técnico cria uma mecânica rotineira, um sistema de gestos sem surpresa. Essa historicização da metafísica crava no organismo urbano áreas constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao uso da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas 'opacas'. Estas são os espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços da exatidão. Os espaços inorgânicos são abertos, e os espaços regulares são fechados, racionalizados e racionalizadores (SANTOS, 2002, p. 221).

O que observei e escutei durante essas andanças que eles precisam? Primeiro do abraço destes forasteiros que teimam em seguir a caminhada junto. Eles têm sofrido pela falta de abraços. De gente que acredita, que os simboliza, os olha de outros modos. Políticas públicas efetivas e trabalhadores que escutem o que têm a dizer e que construam o cuidado junto com eles, nas ruas, no território. Às vezes é o silêncio, os olhos que vão gritar as dores e necessidades, pois eles têm experienciado/aprendido que têm que ficar quietos para sobreviver.

Políticas públicas que fortaleçam a prevenção, a redução de danos, e não só a gestão dos problemas. Com olhar e atenção voltados para o porquê estão vindo para as ruas? O que posso partilhar do que aprendi? Escutar! Eles têm algumas respostas, mas as ações precisam de uma materialidade, de dispositivos de cuidado que potencializam as ações na vida cotidiana. A presença precisa ter constância, a confiança leva tempo, e muitas andanças, pois a rua/vida os têm ensinado assim, vivem o hoje, sobrevivem ao hoje, vivem uma concretude. Eles sabem os caminhos, escutar, seguir lado a lado e persistir junto nas andanças.

“Estejamos prontos, assim como Fanon, para uma defesa revolucionária do humano, onde quer que ele se encontre” (FAUSTINO; OLIVEIRA, 2020, p.23). Justiça social, ocupacional e territorial para os andantes de pés descalços que seguem “*pagando com a vida*” uma dívida que nem sabem do que, criminalmente produzidas pelos donos do poder e os ditos “cidadãos do bem”.

Com uma teimosia de continuar sonhadora sigo vibrando por dias com mais abraços, por um mundo e um país que todos que queiram usar sapatos, não seja roubado o direito de tê-los. E aqueles pés descalços produzidos pela negação do direito de ter sapatos não sejam mais levados a prisão, ao manicômio. Que pare de existir os “*coletes*”, as “*Sá Praxedes*” institucionais que “comem” bebês, e que os “*Di lixão*” possam ser cuidados e não morram mais de “dor de dente” sozinhos, mesmo estando em meio de tantos que até por vezes tropeçam

neles, mas seguem negando as suas existências. Que os manos e manas parem de pagar pelo incômodo que suas vidas andantes geram a quem tem parado de andar.

*“Isso de querer ser  
exatamente o que a gente é  
ainda vai nos levar além”  
(Leminski).*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, C. O perigo de uma história única. Conferência anual – **TED global 2009**. Reino Unido. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br). Acesso em 25/07/20.
- ALMEIDA, M. C. et al. Terapia ocupacional e pessoas em situação de rua: criando oportunidades e tensionando fronteiras. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 19, n. 3, p. 351-360, 2011.
- ALMEIDA, S. *O que é racismo estrutural?* Feminismos Plurais. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ALMEIDA, T. V. ; BONFIM, L. Stela do Patrocínio e a poética da clausura. *estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 54, p. 277-295, maio/ago. 2018.
- ANGELOU, M. “Ainda assim eu me levanto”. **Portal Geledés**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/maya-angelou-ainda-assim-eu-me-levanto/2018>. Acesso: 24/08/20.
- ANGELI, A. A. C. TOCCA – Uma terapêutica ocupacional. 2014. 146 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- BARRETO, L. A Minha Bebedeira e a Minha Loucura. In: BARRETO, L. O Cemitério dos Vivos. 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras. 2017.

BARROS, D. D.; LOPES, R.E; GALHEIGO, S.M. Novos Espaços, Novos Sujeitos: a Terapia Ocupacional no Trabalho Territorial e Comunitário. In: CAVALCANTI, A. GALVÃO, C. **Terapia ocupacional: fundamentos & prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, 2002, n.19, pp. 20-28.

BORGES, J. **Encarceramento em massa**. Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. Decreto nº 7053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em situação de rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2009.

BRASIL. Portaria nº 992, de 13 de maio de 2009. Institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 maio 2009.

BROIDE, J. A psicanálise em situações de extrema vulnerabilidade social. In: LOPEDETE, M. L. G. et al. **Corpos que Sofrem: como lidar com os efeitos psicossociais da violência?** Instituto APOA: Elefante, 2019.

CAMPOS, R., et al. “A luta é constante”: do Movimento Aquarela da População de Rua ao Movimento Nacional da População de Rua do Rio Grande do Sul. In: SCHUCH, P., GEHLEN, I., SANTOS, S. R. (Organizadores). População de rua: políticas públicas, práticas e vivências. Cirkula, 1 ed. Porto Alegre, 2017.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário/** Robert Castel; tradução de Iraci D. Poleti. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CASTRO, E. D.; INFORSATO, E. A.; ANGELI, A. C. ; LIMA, E. M. A. Formação em Terapia Ocupacional na interface das Artes e da Saúde: a experiência do PACTO. **Rer. Ter. Ocup. USP**, 20(3), 149-156, 2009.

DUTRA, J. Cadernos Negros: tramas entre políticas públicas, juventudes, relações étnico-raciais e formações em psicologia. 2018 (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

EMICIDA. **É tudo pra ontem**, part. Gilberto Gil. Autoria: Emicida. Laboratório Fantasma, 2020.

EMICIDA. **Trevo, figuinha e suor na camisa**. Autoria: Emicida. Laboratório Fantasma, 2020.

EVARISTO, C. **Olhos D'água**. – 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, D. M.; OLIVEIRA, M.C. Frantz Fanon e as máscaras brancas da saúde mental: subsídios para uma abordagem psicossocial. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 12, n. Ed. Especial, p. 6-26, out. 2020.

FERREIRA, B. Necropolítica, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LvXrrpjUDd8>. Acesso em: nov./2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIXO, M. O que acontece nas prisões? In: LOPEDOTE, M. L. G. et al. **Corpos que Sofrem: como lidar com os efeitos psicossociais da violência?** Instituto APPOA: Elefante, 2019.

FOUCAULT, M. Sobre a prisão. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**/Michel Foucault; organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. - 6ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. 432 pp.

FOUCAULT, M. Suplício. In: FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. 20ª ed. Petrópolis, Vozes, 1999. 288p.

INFOPEN, Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Junho /2017. Dados referentes a dezembro de 2016. Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017-rev-12072019-0721.pdf>.

GALEANO, E. **O livro dos abraços** / Eduardo Galeano, tradução de Eric Nepomuceno. 2ª ed., Porto Alegre: L&PM, 1991.

GALHEIGO, S. M. Apontamentos para se pensar ações de prevenção à violência pelo setor saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n. 3, p. 181-189, 2008.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**.28(1), 5-25. 2020.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. Ed. Perspectiva, 1991.

KRENAK, A. Vozes da Floresta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJH1os4w>, 2020.

LAZZAROTTO, G. D. R. , CARVALHO, J. D., & BECKER, J. L. (2013). Acompanhamento micropolíticas juvenis: estratégias clínico-institucionais. **Psicologia & Sociedade**, 25 (n. spe.2), 55-64.

*Lei de 1941 considera ociosidade crime e pune 'vadiagem'*. Acervo o globo, 2014. Acesso em:16/06/20.

MBEMBE, A. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.** Revista *Arte & Ensaios* da UFRJ, traduzido por Renata Santini, 2018.

MELO, K. S.S. O sistema prisional brasileiro no contexto da pandemia de COVID-19. **Conexão UFRJ**, 2020.

MERHY, E. **A loucura e a cidade: outros mapas.** Texto apresentado como Conferência no Encontro da Rede Substitutiva em Saúde Mental promovido pelo Fórum Mineiro em 2003. Acesso: <https://docplayer.com.br/22587501-A-loucura-e-a-cidade-outros-mapas-1.html>

MERHY, E. Tecnologias de Cuidado. **TV REDE UNIDA**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IXQZMvM-HU4>.

MERHY, E., FEUERWERKER, L., PIGATTO, F. Atenção Básica, Participação Comunitária, Covid-19. **TV REDE UNIDA**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YbqE5zBfye4>

MINAYO, M. C. S.; CONSTANTINO, P. **Deserdados sociais: condições de vida e saúde dos presos do estado do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2015.

NASCIMENTO, M. ; BRANT, F. Bola de Meia, Bola de Gude. Três clipes 1 curta, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G9RS2BkbqHw>

PELBART, P.P. A nau do tempo-rei. In: PELBART, P.P. **A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura.** Rio de Janeiro: Imago, 1993.

POZZANA, L. A formação do cartógrafo e o mundo: corporificação e afetabilidade. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25, n. 2, p. 323-338, 2013.

PRADO, P. **Adélia Prado fala sobre sua obra, feminismo e o momento político do Brasil.** Assembleia de Minas Gerais, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QMsVYzNkUmU>.

REGIS, V. M.; FONSECA, T. M.G. Cartografia: estratégias de produção do conhecimento. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 24 – n. 2, p. 271-286, 2012.

ROLNIK, S. (2013). Quarar a alma. **Caosmose.** Acessado em: [http://www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/quarar\\_a\\_alma.pdf](http://www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/quarar_a_alma.pdf)

SADE, C.; FERRAZ, G. C.; ROCHA, J. M. O ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 281-298, 2013.

SAFRA, G. **Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio /** Gilberto Safra. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

- SAFRA, G. Desenraizamento e exclusão no mundo contemporâneo. In: **Trajetos do Sofrimento: Desenraizamento e Exclusão**. São Paulo: Instituto de Psicologia, v. 1, p. 34-40, 2002.
- SAFRA, G. A Violência Silenciosa: o Eclipse do *Ethos* Humano no Mundo Contemporâneo. **Revista in Tolerância Laboratório de Estudos sobre a intolerância**. LEI/ USP, v. 1, nº. 1, jan./ jun., 2010.
- SANTOS, M. S. A prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da Era Republicana. **TOPOI**, v. 5, n. 8, jan.- jun. 2004, pp. 138-169.
- SANTOS, M. O lugar e o cotidiano. In: *A natureza do espaço*, São Paulo: EDUSP, 2002.
- TAVARES, J. C. S. ; JESUS, C. A. A. F. ; FERREIRA, E. S. Por uma política de saúde mental da população negra no SUS. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 12, n. Ed. Especi, p. 138-151, out. 2020. ISSN 2177-2770.
- VARANDA, W.; ADORNO, C. F. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas públicas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 1, p. 56-69, 2004.